

TEATRO ESPÍRITA LEOPOLDO MACHADO

VARIEDADES MEDIÚNICAS



Carlos Bernardo Loureiro

Carlos Bernardo Loureiro
Variedades Mediúnicas



Foto do pesquisador
Carlos Bernardo Loureiro

“Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, outorgou Deus ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio, ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.”

Allan Kardec, in : “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Sumário

Apresentação	4
Mediunidade de Psicografia	6
Psicografia Epidérmica	8
Mediunidade de Assombramento	11
Seriam os Epicentros Simples Doadores de Ectoplasma?	12
Mediunidade de Apport e Transport	15
Mediunidade de Tiptologia	18
Tiptologia Alfabética	19
Tiptologia Especular	20
Mediunidade de Xenoglossia ou Poliglota	21
Mediunidade de Efeitos Físicos	23
Perfumes Espirituais	28
Mediunidade Especular	30
Mediunidade Fotográfica	31
Mediunidade Metálica	34
Mediunidade Precoce	35
Mediunidade Subjugadora	40
Mediunidade de Translação ou de Suspensão	42
Mediunidade Auditiva	46
Mediunidade Automática ou Mecânica	48
Hipótese Sobre a Escrita Automática	49
O Professor James H. Hyslop e a Escrita Automática	50
A Escrita Automática e a Perda Da Sensibilidade	51
Mediunidade Curadora	51
Cirurgia Simpatética	53
A Cura pela Transmissão de Energia	54
Mediunidade de Vidência	56
Mediunidade Intuitiva	59
Mediunidade de Inspiração	59
Mediunidade de Premonição	61
Os Estudos Pioneiros de Allan Kardec	63
Mediunidade de Pneumatografia	64
Mediunidade de Pneumatofonia	65
Voz Direta em Sessões Experimentais	66
Mediunidade de Desenho ou de Pintura	67

Mediunidade Musical	70
Mediunidade Involuntária ou Natural	73
Mediunidade Facultativa	75
Mediunidade Mental	76
Conclusão	79

Apresentação

A mediunidade está destinada a esclarecer o mistério da imortalidade. Por seu intermédio é que se devem apresentai’ as provas capazes de levar o ceticismo dos homens a aceitar a veracidade dos fatos espíritas.

Os médiuns devem ter o maior cuidado para que os fenômenos que se produzem por seu concurso sejam a fiel expressão do mundo espiritual. São vocês, médiuns, os porta-vozes desse mundo enigmático e tão pouco conhecido; são vocês os intermediários de consoladoras ou dolorosas mensagens que devem levar a alma humana à certeza da eternidade e a contínua evolução do ser. São vocês, médiuns, que conduzirão a humanidade a uma firme e fideísta orientação espiritualista, despojada de formalismo, rituais e radicalismo.

“A mediunidade”, disse o pesquisador espírita argentino Carlos L. Chiesa, “é um cabo telegráfico que põe em comunicação o homem com Espírito”. E, em verdade, o transmissor que irradia ondas espirituais; o amigo que fala ao amigo; a mãe que acarinha o filho; o inimigo que se reencontra com o inimigo; o instrumento capaz de promover reconciliação e de transformar o ódio em amor! A mediunidade é que induzirá o homem a pensar sobre o seu destino,

porque por ela falam as vozes imortais; é ela que fará volver sobre seus passos o desorientado; que dará teísmo ao ateu e determinará, cedo ou tarde, uma revisão de valores científicos, morais e sociais, tidos como irretorquíveis. Pela mediunidade, todos os homens verão seu futuro; porque sendo ela a chave que abre as portas da imortalidade, fará com que todos analisem, com coragem e determinação, os seus atos, modifiquem sua conduta para se ajustar às leis inexoráveis e redentoras da Evolução.

Todas as variedades mediúnicas, a seguir enumeradas e tratadas, apresentam uma infinidade de graus de intensidade. Há muitas que não constituem mais do que simples nuances, mas resultam de aptidões especiais. Compreende-se que só muito raramente a faculdade de um médium esteja rigorosamente circunscrita a um gênero. Um médium pode ter numerosas aptidões, mas sempre haverá predominância de uma, e essa é que ele deve tratar de cultivar, se for útil. É erro grave - adverte o Codificador do Espiritismo - querer forçar de qualquer maneira o desenvolvimento de faculdade que não se possui.

Eis o que o Espírito *Sócrates*, em “*O LIVRO DOS MEDIUNS*”, ensina, a respeito:

“Quando o princípio ou germe de uma faculdade existe, ela se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade o médium pode aprimorá-la e obter bons resultados. Ocupando-se de tudo, nada conseguirá de bom. Note-se, de passagem, que o desejo de entender indefinidamente o âmbito de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos jamais deixam impunes. Os bons abandonam sempre os presunçosos, que se tornam joguetes de Espíritos mentirosos. Não raro ver-se, infelizmente, médiuns que não

se contentam com as faculdades recebidas e aspiram, por amor próprio ou por ambição, possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem famosos. Essa pretensão lhes tira a mais preciosa qualidade: a de **médiuns seguros!**”

O estudo das especialidades dos médiuns - intervém Kardec - é necessário não só para eles, mas também para os pesquisadores, que os devem escolher entre os mais aptos. Um músico - exemplifica o mestre de Lyon – deseja fazer executar um trecho de canção que compôs. Tem a sua disposição numerosos cantores, todos hábeis.

Mediunidade de Psicografia

Mediunidade de psicografia - Allan Kardec divide-a em dois ramos distintos; a psicografia indireta e a psicografia direta.

A primeira se caracteriza mediante um processo em que se utilizam pequenos objetos. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas ou o das cestas munidas de um lápis. Os próprios Espíritos o sugeriram. Tomemos, por exemplo, uma cestinha de 15 a 20 centímetros de diâmetro (pouco importa que seja de madeira ou de junco, a substância é indiferente). Se, então, através do fundo dessa cesta se faz passar um lápis fixado solidamente, com a ponta para fora e para baixo, e se mantém todo o equilíbrio sobre a ponta do lápis colocado sobre uma folha de papel, colocando-se os dedos (suavemente) sobre a cesta, está se moverá. Mas em vez de girar como um pião, ela passeará o lápis em diversos sentidos sobre o papel, de maneira a formar, quer traços insignificantes, quer caracteres de escrita... A escrita assim obtida nem sempre é legível, não estando as palavras separadas, por exemplo: *problemas morais só se resolvem com soluções morais*. Mas o médium, por uma espécie de intuição, a decifra

facilmente. Por economia, pode-se substituir o papel e o lápis por uma ardósia e um lápis adaptado a uma cesta de bico. (“*Cobeille - Troufile*”).

A inteligência que atua se manifesta por outros sinais inequívocos. Chegando ao fim da página, o lápis faz, espontaneamente, um movimento para virá-la. Se deseja reporta-se a uma passagem precedente, na mesma página ou em outra, procura-a com o lápis - como uma pessoa faria empregando os olhos, - depois a sublinha. Se, por fim o Espírito quer se dirigir a um dos assistentes, a ponta do lápis aponta em sua direção, de todos os processos empregados é este o que dá à escrita maior gama de variações, de acordo com o Espírito que se manifesta e, não poucas vezes, em uma caligrafia semelhante à que tinha em vida, sobretudo se deixou a Terra há pouco tempo.

Em lugar da cesta, algumas pessoas se utilizam de uma mesinha, feita sob encomenda, 12 a 15 centímetros de comprimento por 5 a 6 de altura, com três pés, um dos quais prende o lápis. Há quem se serve de uma tabuinha sem pés. Em uma das bordas existe um orifício para colocar-se o lápis. Com todos esses aparelhos é preciso, pelo menos, que estejam presentes duas pessoas; mas não é necessário que a segunda pessoa seja dotada de especial faculdade mediúnica; ela servirá para manter o equilíbrio e paia diminuir a fadiga do médium.

Chama-se, assim, *psicografia indireta*, em oposição a *psicografia direta ou escrita obtida pela própria mão do médium*, cujo processo se realiza da seguinte forma: o Espírito estranho que se comunica atua sobre o médium; este, sob essa influência, dirige maquinalmente o braço e mão paia escrever, sem ter (é, ao menos, o caso mais comum), a menor consciência do que escreve. A escrita é,

por vezes, muito legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Mas, com certos médiuns, é difícil de ser decifrada por qualquer outra pessoa a não ser o que escreve: é preciso adquirir o hábito. É, geralmente constituída de grandes traços. Algumas palavras enchem, por vezes uma página inteira. Os Espíritos fazem pouca economia de papel. Quando uma palavra ou uma frase é muito pouco legível, pede-se ao espírito que recomece, o que ele, geralmente, faz de boa vontade. Quando a escrita é ilegível, mesmo para o médium, este pode chegar a outra mais correta através de exercícios constantes e perseverantes, *empregando, para tanto, uma firme vontade* e solicitando ao Espírito que seja mais inteligível.

Afirma, textualmente, Kardec que todo aquele que recebeu a faculdade de escrever com facilidade, sob a influência dos Espíritos, possui um recurso precioso, pois se torna o intérprete entre o mundo visível e o invisível; é esta, muitas vezes, uma missão que recebeu para o bem, mas da qual não deve tirar vantagem material, uma vez que essa faculdade lhe pode ser retirada se faz mal emprego dela, ou mesmo voltar-se contra ele, tendo à sua disposição Espíritos maus, que o conduzirão, sem dúvida, aos labirintos da obsessão.

Psicografia Epidérmica

Psicografia Epidérmica (dermografia) - este tipo de manifestação escapa à classificação kardequiana. Entretanto, é flagrante a sua existência, revelada através de criteriosas pesquisas. Trata-se de fenômenos de escrita mediúnica, com letras sangüíneas, em relevo, o qual ocorre de dentro para fora da epiderme do médium. Em alguns aspectos é semelhante aos estigmas que surgem nas mãos, pés, testa e peito, simbolizando as chagas da crucificação de Jesus. O que

diferencia os dois fenômenos é a efemeridade da dermatografia, que aparece e desaparece em poucos minutos, sem deixar cicatrizes. Os estigmas, contudo, costumam aparecer em datas certas; por vezes sangram e muitas vezes não desaparecem, deixando profundas e feias cicatrizes.

Os sensitivos que apresentam o fenômeno da dermatografia são raros. A jovem senhora Ellen Seymour, uma médium americana da cidade de Waykeegan, Chicago, submeteu-se a severas pesquisas patrocinadas pelo Dr. Manuel Eyre. Escreveu ele que a médium, quando ficava em estado de transe, esticava o braço e, com o indicador da outra mão, fazia movimentos como se estivesse escrevendo no ar. O braço estava coberto pela manga da blusa e o dedo ficava a 30 cm de distância dele, mas quando ela arregaçava a manga via-se, na pele, a assinatura da entidade espiritual que daria a mensagem durante a sessão.

Segundo o jornal “*Spiritual Telegrapho*”, de N. York, a escrita no braço da Sra. Seymour aparecia em relevo, podendo ser sentida ao se passar a mão sobre o lugar. As palavras ficavam visíveis durante mais ou menos 20 minutos. Depois desapareciam sem deixar vestígios.

Outra médium norte-americana que produzia idêntico fenômeno chamava-se Olga Kalil que, em 1933, submeteu-se a uma bateria de exames no Instituto Metapsíquico de Paris, sob a supervisão dos Drs. Charles Richet e Eugène Osty.

Charles H, Foster (1838 - 1888), o vidente de Salem (USA), foi outro médium a dar exemplo da variada gama de fenômenos de dermatografia, estando ele sob rigorosa pesquisa na Sociedade Dialética de Londres. Os Investigadores dessa Sociedade observaram que tudo

acontecia com incrível rapidez, as letras aparecendo e desaparecendo sem que o médium dobrasse o braço. Enquanto durou o fenômeno, especialistas em dermatologia examinaram com auxílio de poderosas lentes de aumento, constatando-se que as letras, que eram rubras, estariam em alto-relevo sob a pele. Depois de alguns minutos, o vermelho começou a clarear e por fim tudo desapareceu, deixando a pele em seu estado normal.

A dermatografia nem sempre apareceu em forma de letras, nomes ou mensagens escritas. Às vezes vêm-se símbolos, alguns transmitidos telepaticamente pelos assistentes. Um desses casos ocorreu com a médium H. Coggsweil. Um assistente pediu que um amigo seu, desencarnado, desse prova de sua presença. No braço da médium apareceu o desenho de um coração perfurado como se uma bala de revólver o tivesse atingido. O registro dermatográfico representava um fato real. O Espírito que se comunicou, simbolicamente, tivera seu coração vaiado por uma bala, o que lhe provocou morte imediata. H. Coggsweil, fora, realmente, uma médium notável de dermatografia, provavelmente a única a expressar na própria pele, a prova da sobrevivência da alma.

Há, sempre, em volta da fenomenologia espírita as eternas “*disposições em contrário*”. O Dr. Charles Richet (1850 - 1935) por exemplo, era de opinião que as emoções fortes e os delírios religiosos poderiam provocar processos circulatórios envolvendo trocas metabólicas de tecidos. O ilustre autor do “*Tratado de Metapsíquica*” confundiu, certamente, dermatografia, mensagens gravadas, **inteligentemente sob a pele**, com estigmatização, chagas que surgem sobre a pele, representando a força psíquica de pessoas profundamente místicas. A dermatografia é um fenômeno tipicamente mediúnico e a

estigmatização é um fenômeno especialmente anímico.

Mediunidade de Assombramento

Mediunidade de assombramento - dentre os *fenômenos de assombramento* já observados e analisados pelos pesquisadores, em várias partes do mundo, destacam-se os chamados de *Poltergeist* (ou Psicossinesia Recorrente Espontânea).

Poltergeist é uma palavra de origem alemã que significa *espírito brincalhão*. René Sudre criou o termo Toribismo para designar o mesmo fenômeno (do grego: thóribos = ruído, perturbação; ismos = oriundo de).

Poltergeist é o conjunto de manifestações supranormais de natureza objetiva, todas elas ocorrendo de maneira espontânea, evidenciando em certos casos intencionalidade e seletividade.

Observadores parapsicólogos e espíritas adotaram a expressão *poltergeist* para tais distúrbios insólitos. Um “*espírito mal e perturbador*” é apontado como sendo a causa geradora de tais manifestações. “Mais recentemente”, - informa o professor Carlos Alberto Tinôco - “os americanos criaram uma designação puramente descritiva: ‘Recurrent Spontaneous Psychokineses’ (Psicocinesia Recorrente Espontânea), abreviadamente “*RSPK*”. O termo alemão *Poltergeist* aparece bastante na literatura em inglês, enquanto os próprios alemães optaram pela palavra *Spuk*, que significa “*distúrbios fantasmagóricos*”.

Via de regra, as manifestações de *RSPK* estão ligadas a pessoas jovens, que são chamadas pelos especialistas de *epicentro*. Vários

desses sensitivos deixaram-se investigar por uma equipe de psicólogos, entre os quais destacavam-se os Drs. William G. Roll, de Newark, Walter D. Obrist, psiquiatra da Universidade de Duke (USA), Gardier Murphy, psicólogo e presidente da Associação Americana de Psicologia, que esposava o ponto de vista de que os *Poltergeist* seriam resultantes da exteriorização das energias acumuladas no psiquismo dos epicentros. Não explicava, contudo, como as tensões são exteriorizadas sob a forma de movimentação deliberada, e, não raro, planejada, de objetos, ruídos e outras manifestações paranormais de natureza objetiva.

Não é freqüente a identificação dos epicentros nos casos de RSPK. “Em algumas ocasiões” acrescenta o professor C. A. Tinôco - “os fenômenos manifestam-se de forma tão pouco intensa que se torna difícil identificá-los. Noutros casos, os epicentros não são jovens adolescentes e sim outras pessoas mais idosas, o que contraria a regra de eles estarem sempre na fase da puberdade”.

Há inúmeros registros históricos de casos paranormais caracterizados por raps, deslocamento de objetos e outras manifestações objetivas durante sessões espíritas, onde o sensitivo nem sempre era um jovem na fase da puberdade, e sim um doador de ectoplasma.

Seriam os Epicentros Simples Doadores de Ectoplasma?

Seriam os chamados epicentros simples doadores de ectoplasma, manipulado por “*outros agentes*”, que provocariam as manifestações de *RSPK*?

Deve-se ter em mente que o ectoplasma - responde ele - após

análise química feita por James Black e pelo laboratório de Siberaim, revelou uma composição estrutural que lembra o plasma biológico¹. Essa notável substância observada por inúmeros pesquisadores apresenta-se sob as formas mais diversas, tanto quanto à cor, como no que se refere à consistência, variando do cinza ao branco e da forma gasosa à de um tecido vivo. O ectoplasma sempre esteve presente em quase todas as grandes manifestações paranormais objetivas, assim como, evidentemente, nas manifestações de Poltergeist.

O professor Ernesto Bozzano, na sua obra “*Dei Fenomeni d’Infestazione*”, após estudar quinhentos e trinta e dois casos paranormais escolhidos, conseguiu classificar trezentos deles na categoria de Assombramento ou Haunting. Os restantes foram enquadrados como Poltergeist. Sobre esses fenômenos o professor Bozzano assim se expressa: “*Tais fenômenos confundem esse conjunto de manifestações misteriosas e inexplicáveis, cujo traço característico essencial é o de se ligarem de maneira especial a um local determinado*

Os fenômenos de *Poltergeist* comportam a seguinte classificação:

Confundem-se com os fenômenos conhecidos por *transport ou apport*.

- A. Apresentam, como característica mais importante, uma intencionalidade seletiva ou não. Desse modo, o *RSPK* pode queimar mais profundamente as roupas de determinadas pessoas, ou atingir mais fortemente o

¹ Vide, ainda, a obra “*Les Phénomènes Dits de Materialization*” de Juliette Alexandre Bisson e a “*Revue Metapsyque*”, 1921.

cômodo da casa habitada por alguém.

- B. Apresentam alguns casos especiais de *transporte*, que se caracterizam pelo fato de objetos serem retirados de dentro para fora e vice-versa, de recintos, armários, cofres etc., estando estes henneticamente fechados.
- C. Apresentam em alguns casos a presença de odores incomuns.
- D. Apresentam, em certas ocasiões, ocorrências de combustão aparentemente espontânea.
- E. Podem apresentar casos de desaparecimento de objetos diversos, tais como dinheiro, jóias, roupas.etc (metafanisino)
- F. Podem apresentar ruídos estranhos, tais como sons provocados pela quebra, por impacto, de adornos e utensílios domésticos, quadros, louças etc. Alguns deles são assustadores, ocorrendo ou não a quebra de objetos.
- G. Apresentam, sempre de início, quebra de pedras de tamanhos variados que provocam ruídos e podem danificar a casa atingida. Na sua grande maioria, as pedras e os demais objetos atirados contra a casa que está sendo vítima do Poltergeist, raramente são vistos iniciar sua trajetória. Aparecem misteriosamente no ar, ou surgem nos locais para onde são transportados.
- H. Há casos em que os objetos deslocados formam trajetórias anormais, em desacordo com as leis da dinâmica. Os Espíritos criam “condutos psíquicos”, através dos quais os objetos se deslocam, à sua vontade.
- I. Os fenômenos de Poltergeist estão sempre ligados à presença de uma pessoa a quem os pesquisadores chamam

de epicentro (médium).

A Dra. Adelaide Petters Lessa, em sua obra “Precognição” defende, com raia perspicácia, o valor das pesquisas dos fenômenos paranormais espontâneos, particularmente os de Poltergeist:

“À crítica de que o fenômeno espontâneo é único e irrepetível, não oferecendo, por isso, valor de prova científica, Chari, do Departamento de Filosofia e Psicologia do Madras Christian College, Tambaran, Índia, lembra que o fato acontecido uma única vez na história, uma guerra civil, por exemplo, registra-se irrepetivelmente. Se lhe negamos o crédito, até a mais escrupulosa História torna-se estória divagante.”

E conclui:

“Mesmo que a prova do fenômeno parapsicológico consistisse, apenas, em registro de ocorrências irrepetidas ou irrepetíveis, deveríamos ser capazes de estimar o seu valor. Se eliminarmos os casos espontâneos, transformaremos o testemunho humano numa farsa.”

Mediunidade de Apport e Transport

Mediunidade de apport e transport - do francês apport - processo, pelo qual, os Espíritos transportam, de longa ou pequena distância, para recintos fechados e destes para o exterior, objetos de várias ordens. Para a conscientização do fenômeno, o objeto transportado, segundo o pesquisador Enrico Morselli, obedece a três fases diversíssimas de desagregação e agregação da matéria - fora o fato mecânico do transporte no espaço: solidez material, fluidicidade imaterial e retomo à fase anterior de solidez: solidité matérielle, fluidité

materiale, fluiditá immateriale, ri tomo alia soliditá materiale.

O vocábulo apport foi empregado, pela primeira vez, por Allan Kardec. Em francês é encontrado o emprego de apport e transport, ambos com significado um tanto e quanto diferente: o primeiro para significar o fenômeno que se realiza num mesmo local, de um cômodo para um outro; o segundo para o fenômeno de fora para dentro.

O professor Ernesto Bozzano e o professor Johann Karl Friedrich Zöllner, respectivamente, oferecem, à reflexão do estudioso espírita, as seguintes hipóteses sobre o fenômeno de apport e transport:

1. Materialização ou desmaterialização de objetos, em virtude da ação de um modelo arquetípico;
2. Evidências de Espaços Polidimensionais.

O professor Bozzano estudando, atentamente, inúmeros relatos de casos de apports e transports, elabora a hipótese da *“penetração da matéria através da matéria”* como explicação plausível.

René Sudre (Introduction a La Metapsychique, 1926) sugere o termo Hiloclastia, para designar o que o professor Bozzano denomina de *“penetração da matéria através da matéria”*.

Conforme o notável pesquisador italiano, por ocasião dos apports e transports (aportos ou asportos), os objetos envolvidos, nesse processo, sofreriam dissociação das moléculas, que se afastariam uma das outras, de modo que os espaços intermoleculares seriam ampliados. Nesse caso, os objetos aumentariam a superfície externa fechada que encerra todas as suas moléculas, as quais, ao ser mutuamente deslocadas, manteriam as mesmas posições relativas. Isso permitiria

que o objeto, com suas moléculas dissociadas, penetrasse através das paredes que limitam os recintos fechados de onde saem, ou para onde entram. Após, a ultrapassagem, as moléculas voltariam a ocupar as mesmas posições primitivas, e com isso o objeto retomaria a mesma configuração que possuía anteriormente.

Para justificar sua teoria, o professor Bozzano acredita que as moléculas, ao se reagrupar, assim procede em virtude de uma “*trama fluídica preexistente*” que exerceria uma ação organizadora em nível molecular.

A segunda hipótese, é defendida pelo astrônomo e físico Johnn Karl Friedrich Zöllner. Estudando os fenômenos obtidos através da mediunidade de Henri Slade, Zöllner registrou notáveis manifestações. Uma corda onde forma feitos alguns nós, teve suas pontas unidas e seladas por um lacre. Após, algum tempo, durante uma sessão com Slade, os nós estavam desfeitos e o lacre permanecia inviolado. No interior de caixas ou cofres vazios e hermeticamente fechados, após serem abertos, surgiam objetos, ou eram retirados de lá. Certa feita, numa pequena mesa desapareceu durante uma sessão, diante dos olhares espantados de Zöllner e outros, e reapareceu, após transcorrido algum tempo, caindo ruidosamente sobre o assoalho. Diante dessas experiências e de outras não menos importantes, Zöllner conclui que o nosso espaço físico tridimensional seria uma seção de espaço de quatro dimensões. Habitando este hiperespaço, seres inteligentes tetradimensionais operariam sobre o nosso universo, provocando fenômenos de transporte e os aterrorizantes Poltergeists.

Os pesquisadores ainda falam dos fenômenos de METAFANISMO: quando os objetos ou seres vivos aparecem ou

desaparecem do mundo físico. Alguns médiuns poderosos conseguem obter a manifestação de perfumes ou objetos diversos, surgidos aparentemente do nada. Deve-se, nesse caso, excluir os fenômenos de transporte, ou seja, o desdobramento de objetos ou seres vivos já existentes em outros locais, para o lugar onde se encontra o médium.

O Dr. Karlis Osis, que fora diretor de Pesquisas da American Society for Psychical Research e o Professor Erlendur Haraldsson, da University of Iceland, relataram, na 18ª Convenção Anual da Parapsychological Association, nos Estados Unidos, fenômenos tipicamente de “metafanismo” provocados pelo médium indiano Sir Sathya Sai Baba.

Mediunidade de Tiptologia

Mediunidade de tiptologia - ou a linguagem por pancadas, oferece mais precisão. Pode-se obtê-la por dois processos diferentes. O primeiro, chamado tiptologia por movimento, consiste em pancadas vibradas pela própria mesa com um dos pés. Estas pancadas podem responder sim ou não, conforme o número de batidas convencionadas para exprimir um ou outro. As respostas são, como se concebe, muito incompletas, sujeitas a enganos e pouco convincentes para os noviços.

A *tiptologia íntima* é produzida de uma maneira completamente diversa. Não é tnais a mesa que bate; ela fica completamente imóvel, mas as pancadas ressoam na própria substância da madeira (da pedia ou de qualquer outro objeto). Se aplicar o ouvido ou a mão contra uma parte qualquer da mesa, sente-se que ela vibra dos pés à superfície. Este fenômeno se obtém procedendo do mesmo modo como para fazê-la mover-se, com a diferença que o movimento puro e simples pode ocorrer sem evocação; ao passo que, para se obterem as pancadas, é

preciso, quase sempre, fazer-se apelo a um Espírito.

Reconhece-se nessas pancadas (raps) a intervenção de uma inteligência, por obedecerem a um pensamento. Assim, de conformidade com o desejo expresso verbal ou mentalmente, eles mudam de lugar, fazendo-se ouvir em direção a tal ou qual pessoa designada, dão volta ao redor da mesa, são desferida de maneira leve ou acentuada, imitam o eco, o ruído de uma serra, o do martelo, o do tambor, das descargas de um pelotão de artilharia, marcam o compasso de ária musical determinada, indicam a hora, o número de pessoas doentes etc, ou então se distanciam da mesa e vão se fazer ouvir junto de uma janela, de uma porta e em locais convencionados.

Tiptologia Alfabética

Tiptologia alfabética – oferece um meio de correspondência mais fácil e mais completo. Ela consiste na designação das letras do alfabeto por um número de pancadas correspondente à ordem de cada letra, e, desta maneira, se formam palavras e frases. Todavia, este meio, por sua lentidão, tem o grande inconveniente de não se prestar a assuntos de certa extensão. Pode-se, contudo, abreviá-los em inúmeros casos. Basta, muitas vezes, conhecer as primeiras letras de uma palavra para adivinhar-lhe o sentido, e, então, não se deixa acabar. Na dúvida, pergunta-se se a palavra é a que se supõe, e o Espírito responde sim ou não pelo sinal convencionado: uma batida *sim*, duas batidas, *não* e três batidas, *não sei*.

A tiptologia alfabética pode ser indicada pelos dois meios que acabamos de indicar: as pancadas batidas na mesa, e as que se fazem ouvir na substância de um corpo duro. Para as comunicações de caráter mais sério, prefere-se o primeiro por duas razões: uma porque é de certo

modo mais manejável e ao alcance da aptidão de um maior número de pessoas: a outra concerne à natureza dos Espíritos. Na tiptologia íntima, os Espíritos que se manifestam são, geralmente, os que são denominados batedores, Espíritos levianos, às vezes muito divertidos, mas ignorantes. Eles podem ser agentes de Espíritos sérios, segundo as circunstâncias, mas atuam a mais das vezes espontaneamente e por sua própria conta. A experiência prova que os Espíritos das outras ordens se comunicam de preferência pelo movimento.

De qualquer maneira, a tiptologia alfabética é um meio de comunicação de que os Espíritos superiores se servem, a contra gosto, e somente à falta de outro recurso. Eles apreciam tudo que se preste à rapidez de seus pensamentos e, por causa da lentidão do processo, que os impacienta, abreviam suas respostas

Tiptologia Especular

Tiptologia especular – Allan Kardec, na “*Revue Spirite*”, outubro de 1864, refere-se a esse tipo de manifestação mediúnica, obtida em um grupo espírita da Antuérpia. A indicação das letras é feita por batidas do pé da mesinha, mas com uma rapidez que quase atinge a da escrita e tal que os que escrevem (acompanhando as batidas) têm dificuldade de acompanhá-las; os golpes se sucedem como os do telégrafo em ação. Mas, sobretudo, o que é, realmente, singular é que o Espírito dita a mensagem ao avesso começando pela última letra. Pelo mesmo processo especular o médium recebe respostas a perguntas mentais, e em línguas estranhas (tiptologia especular xenoglóssica).

A primeira vez que se produziu o fenômeno os assistentes não encontrando sentido nas letras obtidas, pensaram tratar-se de uma mistificação; só após observação atenta é que se descobriu o sistema

usado pelo Espírito, que Kardec transcreve na “*Revue Spirite*” de dezembro do mesmo ano, à guisa de exemplo.

Lílarutan iel medro an racoloc o arap larulanabos e ocitsánaf retárac odot omsitiripse oa siarit euq rop sie; oãçiefrep a; ovitejbo omsem o somiugesrep, sotrom sóm e setneviv sóv enq etnemanif ziuq onarebos oa satnor somed aj enq ed oãssim amu raumtoc ed sueü rop sodagerracne e, oproc odamahc, é osii, sodanracni soterípsE, sóv. sotirípsE sodot somos euq selpmis otium oãsulenoc à es-agehc, amla ad edachilatromi ad odatatsmor otaf olep, ars; anirtuod atse racrec ed matsog enq ed oirbmos sezev rop e osohlivaram oigítserp o rieurised a oinícoicer selpmis olep es-agehc, oríuo o mes mu raíejer vo rilimda airedop es oãñ euq, soipicirp siod sessed odmitraP, amla ad edadilaíromi a e sueD mu ed aicnêtsixe a : sedadrev sednarg saud anisne sov omsiíripsE O. (começo)

(Fim), edadirac ed ota mu ed adahnapmoca ecerpt aob amu (mortos) aref-atxes arap e, otium siengitaf sov oãñ; oãçadnemocer amitlú, ritrap ed

setnA “.

Mediunidade de Xenoglossia ou Poliglota

Mediunidade de xenoglossia ou poliglota - O vocábulo foi cunhado pelo o Dr. Charles Richet objetivando distinguir, com precisão, a mediunidade poliglota propriamente dita, pela qual os médiuns falam ou escrevem línguas que eles ignoram totalmente e, às vezes, ignoradas de todos os presentes, dos casos afins, mas radicalmente diversos, de “*glossolalia*”, nas quais os pacientes sonambúlicos falam ou escrevem em falsas línguas, elaboradas no

íntimo de suas subconsciências (fenômeno tipicamente anímico).

Afirma o Prof. Ernesto Bozzano que, do ponto de vista teórico, a mediunidade poliglota se mostra uma das mais importantes manifestações da fenomenologia espiritual, porquanto a interpretação dos fatos, nesse sentido, se impõe de forma racionalmente inevitável. Isto quer dizer que, graças aos fenômenos de xenoglossia, se deve considerar provado que, nas experiências mediúnicas, intervêm entidades espirituais estranhas ao médium e aos presentes.

Não se deve ignorar, entretanto, que defensores intransigentes da origem subconsciente da fenomenologia psíquica, não conseguindo explicar as manifestações em questão, por meio das hipóteses de que dispõem, formulam uma outra, a que deram o título de *memória ancestral*, segundo o qual os médiuns seriam aptos a conversar numa língua inteiramente desconhecida deles, desde que algum de seus antepassados houvesse pertencido ao povo cuja língua eles falam (!).

“A bem da história”, - *elucida o Prof. Ernesto Bozzano* - “importa lembrar que a hipótese da memória ancestral foi sugerida, originalmente, pela doutora russa, Maria Maneceine, porém com um intuito muito limitado de explicar um outro fenômeno mnemônico bastante discutido - o da emersão de lembranças de acontecimentos que na realidade nunca se deram na vida daquele que o recorda. Fenômeno que Meneceine, depois de Lelourneau, procurou explicar, estendendo a influência da lei de hereditariedade também ao da memória, mas unicamente sob a forma de emergência fragmentária de fatos sucedidos aos antepassados. Como se vê, “ - *prosegue o Prof. Ernesto Bozzano* - “a concepção originária da Dra. eslava, se bem que audaz, é discutível. Entretanto, certamente, já não ocorre com a extensão absurda e

fantástica que agora se quer imprimir à mesma hipótese. A insólita circunspeção, porém, com que tal extensão foi alvitrada por si só demonstra que quem a sugeriu, visou apenas, livrar-se, a qualquer preço, da hipótese espírita. Assim sendo, não parece caso de tomá-la a sério. Todavia, observa-se que ela, igualmente, não afrontaria os recentíssimos exemplos de médiuns que, até o momento, já conversaram numa dúzia de línguas diversas. Os médium em questão, ainda não deram prova de posteriores conhecimentos lingüísticos. “

O Prof. Charles Richet, por sua vez, considerava “*verdadeiro milagre*” o fenômeno de falar em línguas ignoradas e não tenta diminuir a imensa importância do fato, em sentido espiritualista.

Ainda o Prof. Ernesto Bozzano, após meticolosas pesquisas, admite que os fenômenos de Xenoglossia se produzem nas seguintes modalidades de características extrínsecas: com o “*automotivo falante*” (incorporação mediúnica); com a “*mediunidade audiente*” (clarividência), caso em que o médium repete, foneticamente, as palavras que subjetivamente percebe; com o “*automatismo escrevente*” (psicografia e tiptologia alfabética); com a “*voz direta*”; com a “*escrita direta*”. Neste último caso, trata-se, quase sempre, de mãos materializadas, visíveis ou invisíveis, que escrevem *diretamente* as suas mensagens. Cumpre que se lhes juntem, finalmente, os poucos casos de Espíritos materializados, que escreveram ou falaram em línguas ignoradas dos médiuns.

Mediunidade de Efeitos Físicos

A mediunidade de efeitos físicos merece destaque especial, exigindo, portanto, prolongada apreciação.

Quando se fala dessa ordem de fenômenos é preciso dizer-se, antes de mais nada, que o ectoplasma é a substância brotada do médium, que possibilita as materializações e os efeitos físicos. A palavra ectoplasma deve-se ao Dr. Charles Richet, e, segundo o conceito desse sábio da Universidade de Paris é, *“uma espécie de protoplasma gelatinoso, a princípio amorfo, que sai do corpo dos médiuns e que toma forma mais tarde”* É do interior dessa pasta gelatinosa, espécie de gase úmida e engomada, que se vão formando, pouco a pouco, os corpos desses seres vivos, os Espíritos, que se plasmanos nos fenômenos de materialização. E essa classe de fenômeno é o que há de mais assombroso nos anais das pesquisas espíritas. *“Já não se trata de fantasmas de contornos vagos e imprecisos que deambulam em triste solidão à luz da lua pelos cemitérios e casas assombradas”* - escreve Femández Guell - . Já não se cuida de aparições que fogem ao tato e desaparecem com a luz, mas de seres reais, tangíveis, corpóreos, que se movem e falam, que podem ser medidos, pesados, fotografados etc., e cujo coração palpita sob a mão do experimentador. Do grau de consistência das formas materializadas podem nos dá uma idéia nítida os seguintes fatos: o Dr. Paul Gibier, ilustre biólogo francês, apertou as mãos do fantasma “Ellan” e esse lhe retribuiu o aperto com grande vigor; o Dr William Crookes, umas das glórias científicas do século XIX e XX, deslizou os dedos pelas espessas tranças do Espírito “Katie King” e sentiu a mesma sensação que sentira se estivesse diante de uma pessoa viva, isto é, de uma criatura encarnada. Os corpos desses seres materializados não se formaram por “milagre”, senão às expensas do ectoplasma do médium e dos próprios experimentadores. Entre o corpo fantasmal e o médium existe uma relação íntima e estreita.

Entre os mais notáveis fenômenos de materialização, e que são clássicos nos anais da ciência psíquica, destaca-se o de “*Katie King*”, plasmado através da mediunidade da jovem Florence Cook, e que foram observados e estudados pelo Dr. William Crookes. As investigações realizaram-se no próprio laboratório do sábio inglês, com todo o controle científico. Alguns anos duraram essas investigações e o fantasma que se materializou dizia ser o de *Ketie King*, que em outros tempos nasceu na Jamaica. Desta experiência Crookes tirou 45 fotografias e publicou um volumoso trabalho como fruto de suas pesquisas. A publicação desse trabalho suscitou profunda repercussão nos meios científicos. Em seu relato, Crookes sublinhou o encanto e a beleza de *Katie King* e o grande afeto que ela sentia por seus filhos. Pedia mesmo que levassem a seu lado os meninos, tomava-os em seus braços e lhes narrava episódios novelesco da época da conquista espanhola da América.

Os adversários da Investigação Psíquica disseram que o ilustre sábio havia sido ludibriado e que *Ketie King* e *Florence Cook* eram a mesma pessoa. As fotografias, entretanto, demonstraram a inconsistência de tais acusações. Sobre essa celêuma, afirma Crookes: *“Uma das fotografias mais interessantes é a em que apareço ao lado de *Ketie King*, que está descalça, pousando no assoalho. Vesti a senhora *Cook* da mesma maneira que *Katie*, colocamo-nos os três na mesma posição e fomos fotografados pelas mesmas câmaras e iluminados pela mesma luz. Nessa foto se vê que *Katie* é um pouco mais alta do que a senhorita *Cook* e que tem a aparência de uma mulher mais desenvolvida, observando-se, também, que há diferenças na expressão do rosto e outros detalhes”*.

Cumprida a sua missão, o Espírito anunciou a sua despedida paia

sempre, depois de longos meses em que esteve se manifestando nos laboratórios de William Crookes. A última sessão foi realizada em 21 de maio de 1874, às 19 horas e 23 minutos. A cena de despedida foi dramática. Katie King depois de ter dado suas derradeiras instruções, dirigiu-se à médium e disse: “*Acorda, Florence! Chegou a hora de te deixar...*” Florence despertou, e lavada em lágrimas suplicou a Katie que não a abandonasse. Suas súplicas, porém, foram em vão...

Muitos anos depois, e diante de uma assembléia de sábios, Sir William Crookes, mantinha com a mesma firmeza do primeiro dia, a veracidade das aparições de Katie King, e se expressava deste modo: *Em toda minha carreira científica não há episódio mais conhecido do que a parte que tomei, há muitos anos, em certas investigações psíquicas. Transcorreram trinta anos* (Crookes pronunciou estas palavras em 1882, e, até 1919, quando faleceu, sustentou-as em toda a linha), *transcorreram trinta anos desde que publiquei o relato daquelas experiências, destinadas a demonstrar que, fora de nossos conhecimentos científicos existe uma força exercida por uma inteligência distinta da inteligência comum dos mortais. Não pretendo, jamais, me retratar de nada que até então afirmei. Continuo fiel aos fatos que publiquei. E ainda poderia acrescentar muito mais, se quisesse reforçá-los”*.

Nesses fatos tão extraordinários que se observam nos fenômenos de efeitos físicos há toda uma revolução ideológica, que se projeta, a fundo, na consciência humana e remove, em suas raízes, crenças e posturas mentais que, há séculos dominam, à revelia da Lei Natural, a conduta ética e social. Não foi sem razão que Alfred Bénézech afirmou que, no desenvolvimento das idéias espíritas, “*estamos assistindo a um movimento intelectual destinado a revolucionar a mentalidade humana*

e, o que é mais importante, depois do advento do Cristianismo”.

Os ensinamentos que se tiram da investigação psíquica - produtos de verdades obtidas mediante laborioso processo científico - vêm iluminar nosso caminho para nos guiar em nossa jornada cósmica, e para nos traçai um novo sentido de existência. Um sentido mais elevado, mais nobre, mais digno do que o que socialmente nos rege no presente. “*Possui o Espiritismo*” - afirma S. Paz Basulto, sociólogo e filósofo cubano - “*um acento ideológico tão grande, com relação às normas atuais de conduta, que não pode escapar a quantos abraçam estes ideais.*”

Finalizando, evocamos o testemunho do Dr. Frederic Zoëllner, ex-professor da Universidade de Leipzig (Alemanha), que se manifestou posteriormente, em um grupo familiar, em Paris, pela escrita automática, conforme relata o Dr. E. Dupanv. na obra: “L’au-
delà de la Vie”:

“Em todos os tempos a razão humana tem sido igualmente atraída e repelida por estes fatos qualificados de maravilhosos. Sua função deveria de preferência consistir em examinar cuidadosamente estes fatos voltados à admiração de uns e ao desprezo de outros, a fim de eliminar o charlatanismo e a néscia credulidade que, infelizmente, os tornam inaceitáveis à maior parte dos homens.”

“Durante minha última existência” - prossegue Zoëllner – “fui bastante feliz por verificar a realidade dos fenômenos espíritas produzidos pelo meu médium. Os sábios, meus colegas, consideravam-me louco; mas a minha firme conduta conforme à do sábio William Crookes e de outros corajosos cientistas tão amantes da verdade como da ciência, tiveram por resultado oferecer aos propagandistas do

Espiritismo vigorosos argumentos a favor da sua doutrina. Este resultado é suficiente para me recompensar de todos os sofrimentos que as minhas afirmações provocaram.”

Perfumes Espirituais

Ainda no campo da mediunidade de efeitos físicos destaca-se a produção de PERFUMES ESPIRITUAIS.

O pesquisador Nandor Fodor, em sua *Encyclopaedia of Psychic Science*”, sempre consultada pelos estudiosos espiritistas, afirma que ainda se desconhece os íntimos mecanismos através dos quais são produzidos os perfumes espirituais. O caso do médium e pesquisador William Stainton Moses, os perfumes líquidos ou oleosos emanavam do alto de sua cabeça (centro coronário). Quanto mais limpavam o lugar, mais os odores se tomavam ativos, alternando-se entre os almíscar, a verbena e o feno recém-cortado. Percebia-se, não raras vezes, suave fragrância de rosa que inebriava a assistência. Corria, no ar, às vezes, perfumes maravilhosos, mas indefiníveis. O fenômeno acontecia tanto em ambientes fechados, sob rigoroso controle, como, espontaneamente, ao ar livre. Stainton Moses, que anotou as suas experiências em um diário, registrou, no dia 04 de julho de 1874, o seguinte: “Encontrava-me sentado em um banco de jardim, em Londres, quando senti fortíssimo cheiro de menta. Passei a mão no cabelo e lá estava a fonte de onde partia o odor...” Era comum acontecer o fenômeno, com uma surpreendente intensidade, quando acometido de alguma moléstia. Dir-se-ia que os perfumes funcionavam como medicamento. E tanto assim que, efetivamente, recuperava-se sem precisar recorrer à alopatia terrena. Em certas ocasiões, os perfumes eram espargidos no ambiente, vindos do teto, ou de outra parte do

aposento, adquirindo notável intensidade caso alguma entidade se comunicasse. Acreditava-se que os Espíritos procediam a um trabalho de esterilização, através dos aromas identificados, no local das experiências. Aliás, esse processo era, também, observado quando de nossas pesquisas com o médium baiano José Medrado (e nas pesquisas com o Dr. Carlos de Brito Imbasshy, em Niterói, RJ). O pequeno gabinete mediúnico impregnava-se de fortes fragrâncias, antes de o trabalho começar. Uma médium extraordinária, residente na cidade de Alagoinhas, a querida Mãe Helena, já desencarnada, em uma sessão experimental conosco, manifestara uma série de perfumes variados, uns suaves, outros mais fortes, provocados, segundo consta, pelo Espírito Irmã Scheilla. Daniel Dunglas Home, um dos médiuns mais investigados da Europa, tinha o poder de extrair os perfumes das flores, espargindo-o, depois, sobre os que participavam da sessão. Outros fenômenos surpreendentes foram provocados por D. D. Home: usando um maço de flores, separou seu perfume em duas partes distintas. Um tinha um cheiro de terra; a outra era adocicada. Mas, nem sempre os odores eram agradáveis. Às vezes, se tomavam insuportáveis. Stainton Moses solicitava aos assistentes que não olhassem para cima quando perfumes acres caíam do teto. Uma senhora desobedecendo à recomendação do médium, foi atingida pelo um jato deste tipo de perfume, provocando-lhe séria conjuntivite. As condições desfavoráveis da sessão davam ensejo a ocorrência de inevitáveis episódios, incluindo a presença de odores nauseabundos, extremamente repulsivos. Outro médium brasileiro que provocou esses fenômenos inusitados de fragrâncias variadas, chamava-se Carlo Mirabelli. A sua faculdade medianímica era portentosa, dela decorrendo fenômenos em nível dos observados nas reuniões de D. D. Home. Ao final deste arrazoado surge uma pergunta: como os Espíritos, através dos médiuns,

realizam esses prodígios? A verdade é que, a despeito dos esforços dos pesquisadores, não se desvendou o mecanismo de que se utilizam os Espíritos para a obtenção dos resultados que desejam. E eles não revelam, de modo nenhum, o processo. Mas, os fatos provam, de sobra, que tudo é manipulado, deliberadamente, por personalidades estranhas à do médium ou de qualquer assistente da reunião. Descartou-se, com o tempo, a hipótese de fraude, em virtude das características com que se apresentavam os trâmites do extraordinário fenômeno.

Mediunidade Especular

Mediunidade especular - é aquela em que, para se ler uma mensagem psicográfica, se faz uso de um espelho.

A mediunidade especular não foi tratada por Allan Kardec no capítulo XVI de “*O Livro dos Médiuns*”, nem em qualquer outra obra da Codificação do Espiritismo. É provável que o silêncio do ilustre pedagogo, a respeito, se deva ao fato de não se ter apresentado, à sua visão percurciente, qualquer manifestação desta natureza.

Na Psicografia especular a escrita é feita de trás para frente e para ser lida é preciso virar-se o papel sobre uma luz ou colocá-lo defronte de um espelho.

A mediunidade especular é uma variedade rara de psicografia e que, sem dúvida, desperta a atenção dos que, realmente, pretendam pesquisar, com isenção de ânimo, fenômenos deste porte.

O primeiro caso de psicografia especular, oficialmente, registrado no Brasil, aconteceu na Sociedade Metapsíquica de São Paulo, na noite de 29 de março de 1937. Na presença de diretores

daquela Sociedade e de cerca de 600 pessoas, o então jovem médium Francisco Cândido Xavier psicografou, de forma invertida, um texto em inglês, assinado pelo Espírito Emmanuel. Utilizou-se papel timbrado da Sociedade, entregue, na hora, ao extraordinário médium mineiro, com as assinaturas dos Drs. C. G. Shalders e Antônio Bento Vidal, conforme consta na “*Enciclopédia de Parapsicologia, Meíapsíquica e Espiritismo*”, de João Teixeira de Paula (1972). Fenômeno idêntico ocorreu com o médium e tribuno baiano Divaldo P. Franco, após uma conferência sua na “*Louise Scholtz Memorial Chapel*”, em San Antonio, Texas (USA). Diante do pastor da capela, da tradutora e do público que o assistia, Divaldo Franco psicografou em inglês, de trás para frente, um texto do Espírito Joana de Angelis.

Deve-se fazer referência à mediunidade especular de Carlos Mirabelli, notável médium de ectoplasmia, que escrevia, especularmente, em vários idiomas e dialetos, com uma rapidez impressionante, sobre temas filosóficos e científicos.

Mediunidade Fotográfica

Mediunidade fotográfica – é aquela que, na informação do Prof. Cesare Lombroso, é capaz de provocar o aparecimento de fotografias de pessoas ausentes ou de Espíritos desencarnados.

A prova fotográfica de Espíritos tem um valor de notória importância, porque mostra que a famosa teoria da alucinação é flagrantemente inaplicável em tais fatos. A chapa sensível constitui, pois, um testemunho científico que certifica a sobrevivência da alma, que preserva, no espaço, a aparência que teve na ferra.

Entretanto, e como bem destacou o naturalista inglês Alfred

Russel Wallace (vide “*Os Milagres e o Moderno Espiritualismo*”) é freqüente zombarem do que se chamou “*fotografias espíritas*”, porque algumas podem ser sujeitas à fraude. Refletindo-se, porém, um pouco, ver-se-á que essa possibilidade faz que sejam adotadas medidas capazes de impedir imposturas. Deve-se admitir que um experimentador hábil e idôneo não pode ser iludido, desde que ele próprio forneça os filmes, fiscalizando, criteriosamente, as operações.

Aliás, há um meio muito simples de verificar se a figura que aparece é a de um Espírito desencarnado ou encarnado. Consiste esse meio em ver se os membros da sua família reconhecem a figura que se apresenta na chapa. Se reconhecerem, o fenômeno é real.

Segundo o coronel Albert De Rochas, os trâmites do fenômeno obedecem à seguinte classificação:

1. Retratos de entidades espirituais, invisíveis em condições normais;
2. Flores, escritos, luzes, imagens estranhas ao pensamento do médium e ao do operador, no momento de impressão da chapa;
3. Tipos que parecem a reprodução de estátuas, pinturas ou desenhos. Estas imagens se podem atribuir, injustamente, a fraude ou truques grosseiros, quando são, talvez, a reprodução de imagens mentais mais ou menos conscientes do médium, formas pensamentos, ou signos voluntários dados por inteligências estranhas, do Espaço;
4. Imagens de formas materializadas, visíveis por todos os assistentes;
5. Reprodução do corpo perispiritual de pessoas viventes.

Nos “*Anales, des sciences psychiques* “, formidável acervo da história das pesquisas psíquicas, registram-se as experiências realizadas pelo Dr. Julien Ocliorowicz, no campo da fotografia transcendental. Eis um dos relatos:

A médium polonesa Stamilawa Tomaczyk, a certa altura da sessão, informou a Ochorowicz que o Espírito Controle, a pequenina Stasia, desejava lhe falar. Em seguida, o experimentador recebeu o aviso tiptológico do Espírito:

“Quero fotografar-me; prepare o aparelho; instale-o no canto do aposento, enfocando-o a dois metros; não necessita de magnésio. Ponha o aparelho sobre a mesa, perto da janela, regulando-o a meio metro; coloque uma cadeira diante da mesa e, depois, dêem-me algo para cobrir-me”.

Contentou-se com uma toalha que o pesquisador estendeu no encosto da cadeira onde o Espírito deveria postar-se. Abriu o obturador e se reuniu à médium, fechando a porta da cabine. Em pouco tempo, era visto um clarão, e, em seguida, a voz (direta) da entidade:

“Está feita, revele a chapa”.

O pesquisador entrou na câmara escura para fechar a objetiva, acendeu a luz e viu a toalha, ates posta no dorso da cadeira, sobre a mesa, amarfanhada; uma grande folha de papel secante (mata-borrão), rasgada em parte, e úmida, estava na mesa de cabeceira. Em três quartos de hora (45 minutos) se revelava, na chapa, a imagem do Espírito Stasia, que parecia não ter peito, nem ventre, nem pernas, e não podia ter sido substituída por uma pessoa viva e muito menos por um quadro recortado, porque em toda a periferia da cabeça eram vistos, com a

lente, pequenos globos luminosos que provinham de vapores luminosos fluídicos, com os quais, conforme explicou Stasia, se havia constituído.

Pergunta o próprio Ochorowicz:

“(...) não havendo ninguém, entrando na cabine, quem havia mudado a posição da toalha? Quem trasladou e usou o papel secante que se encontra molhado, para entrarem em contato com os vapores fluídicos?...”.

Mediunidade Metálica

Mediunidade metálica - é aquela que se processa por intermédio de um aparelho inventado em 1916 pelo pesquisador inglês David Wilson, para comunicação com os Espíritos desencarnados. Adaptado aos princípios da telegrafia-sem-fio, estava munido de um aparelho morse, cujos sinais eram os mesmos de todas as línguas civilizadas, podendo, pois registrar mensagens de Espíritos de nações diversas.

A revista “*Light*”, tradicional publicação espiritualista, noticiava, em 1916, a invenção de um aparelho denominado “*Telégrafo Psíquico ou Metálico*”, de autoria (incidental) de David Wilson, que contou com a ajuda dos Espíritos. Supunha-se, então, que o problema da comunicação com o mundo invisível estaria definitivamente resolvido. Tudo aconteceu quando David Wilson trabalhava na construção de um aparelho de destinação médica, a agulha de um galvanômetro de que se servia se agitou fazendo movimentos que pareciam corresponder ao alfabeto Morse. Conseguiu-se, depois de vários aperfeiçoamentos introduzidos, obter a seguinte mensagem:

“Este aparelho cria no nosso mundo uma profunda satisfação,

particularmente entre aqueles que na Terra ocupam-se com o Psiquismo. Formamos, todos, um grupo de interessados que combinamos os nossos esforços a fim de auxiliar o mais possível, o inventor a aperfeiçoar a sua descoberta”.

O aparelho era pequeno, consistindo num cilindro de cobre que servia de receptáculo a uma substância por muito tempo procurada em vão, cujas radiações funcionam como o fluido do médium, o que lhe valeu o nome de “médium metálico”. Só podia trabalhar em plena luz, e entre numerosos aperfeiçoamentos que se lhe juntaram havia um muito interessante: a adaptação de uma lente que funcionava como um “olho psíquico” e permitia filmar, fotograficamente, as entidades comunicantes.

Informa a Revista “*Light*” que, com o tempo, o inventor desse aparelho não forneceu mais qualquer notícia sobre o seu invento, ficando frustrada a expectativa de todos que tomavam conhecimento dessa invenção que parecia fadada revolucionar o mundo, o mundo das pesquisas sobre a comunicabilidade dos Espíritos.

Mediunidade Precoce

Mediunidade precoce - é aquela em há precocidade mediúnica, como os casos relatados por vários pesquisadores, especialmente por Justino Kemer, em 1829, em que crianças vêm, identificam e manifestam Espíritos.

O pesquisador russo Alexandre Aksakof dedica um capítulo de sua obra “*Animismo e Espiritismo*” (Animismus und Spiritismus) à apreciação da mediunidade das crianças.

“É evidente” - afirma Aksakof - “que as crianças de peito não sabem escrever, e que, se escrevem, é uma prova concludente de que nos achamos em presença de uma ação inteligente que está acima e fora da organização da criança. Ora, nos anais do Espiritismo há muitos exemplos desse gênero.”

É lamentável que, ao longo do tempo, não se tenha prestado atenção (por preconceito injustificável) a esses fenômenos, e que não se tenha feito, nesse sentido, experiências seguidas e bem organizadas. Prendeu-se, Alexandre Aksakof, a observações feitas ocasionalmente, simples menções. Ainda assim, não deixam de assumir fundamental importância nos anais dos fenômenos espíritos.

O primeiro caso desse gênero é registrado pelo pesquisador Gabriel Capron em sua obra *“Modem Spiritualism”*, citada por Aksakof:

“Em nosso círculo íntimo, relata o Sr. Leroy Sunderland, nunca qualquer das perguntas apresentadas ficou sem resposta. Essas respostas se obtinham ordinariamente por intermédio de minha filha, a Sr. Margarida Cooper, e algumas vezes por intermédio de sua filha, minha neta, que apenas tinha dois meses. Enquanto eu conservava a criança nos braços, não havendo ao lado nenhuma outra pessoa, obtínhamos respostas (por meio de raps) que os nossos correspondentes invisíveis diziam produzirem-se por intervenção do pequenino médium.”

Da obra da extraordinária pesquisadora Emma Harding, *“Modem American Spiritualism”*, um documento histórico sobre as primeiras manifestações dos Espíritos nos Estados Unidos da América do Norte, extraímos o seguinte episódio:

Percebendo que os fenômenos espíritos tomavam-se cada vez mais freqüentes em Waterford, perto de N. York, os pastores protestantes do lugar dirigiram-se ao general Bullard, pedindo-lhe que examinasse esta questão em companhia de alguns outros cidadãos “a fim de por um basta nesse escândalo”. A comissão formada para esse fim dirigiu-se à casa do Sr. Atwood, onde, segundo os pastores, se produziam coisas admiráveis pela mediunidade de seu filho. Os membros da comissão foram recebidos com muita cordialidade e introduzido em seu aposento onde viram a criança, que se divertia com brinquedos. A chegada dos visitantes não parecia agradá-la de qualquer maneira; mas, os doces triunfaram e ela se deixou acomodar em uma cadeira alta, perto da mesa. Em breve, esse pesado móvel se pôs em movimento, os visitantes foram deslocados com suas cadeiras, pancadas violentas fizeram-se ouvir, e, por seu intermédio, obtiveram-se diversas comunicações de parentes mortos dos presentes. Dentre os comunicantes, destacou-se o irmão falecido do General Bullard.

Com o fim de verificar a autenticidade do fenômeno, o general pensou: *“Se é verdadeiramente o meu irmão, aproxime de mim esta criança com a cadeira.”*

Qual não foi sua surpresa quando a cadeira na qual estava a criança defronte do general, na outra extremidade da mesa, foi levantada com a criança, e, fazendo meia volta, colocou-se suavemente ao seu lado. O general era o único a compreender o sentido daquele procedimento, e, diante da estupefação dos membros da comissão, exclamou: *“Juro que isso é verdadeiro!”*

Um outro exemplo que demonstra a mediunidade ostensiva em crianças, foi oferecido pelo o filho da Sra. Jancken (a famosa Kate Fox)

em casa de quem se produziram as primeiras manifestações, quando ele tinha, apenas, dois meses. Esses fatos são encontrados no raríssimo jornal “*Spiritualist*”, de Londres, do mês de novembro de 1873:

“Certo domingo” - relata o Sr. Jancken - “voltando de uma expedição a Blackhearth, para onde me tinha dirigido em companhia de minha mulher, sou informado pela babá que cuidava da criança que durante nossa ausência Unham ocorrido fatos bastante estranhos: cochichos foram ouvidos sobre o leito da criança, passos, vozes masculinas e femininas, perfeitamente auditíveis, deslocamentos de objetos, que flutuavam suavemente pelo aposento.”

Algum tempo depois desse e de episódios semelhantes, o Sr. Jencken declarava ao jornal “*Spiritualist*”- *“O desenvolvimentos das faculdades mediúnicas de meu filho continua sempre e cada vez mais intenso”*.

Aos cinco meses e meio a criança começou a escrever. Essa informação é tirada do jornal “*Medium and Daybreek*”, de 08/05/1874, citado por Alexandre Aksakof.

Na primeira página do referido jornal, sob o título: *“Maravilhosas Faculdades Mediúnicas de uma Criança”*, lê-se a mensagem espiritual.

“Amo esta criança. Deus a abençoe. Aconselho a seu pai que volte sem falta para Londres, na segunda-feira - Susana”.

Por baixo da assinatura do Espírito, encontrava-se a seguinte menção: *“Estas palavras foram escritas pela mão do filhinho do Sr. Jencken, quando ele tinha a idade de cinco meses e quinze dias.*

Estávamos presentes, e vimos como o lápis foi colocado na mão da criança pela mesma força invisível que conduziu sua mão”. Seguem-se as assinaturas: Wason K. F. Jencken e uma cruz feita pela mão da Sra. McCarty, analfabeta, a babá que, durante o fenômeno, conservava a criança sobre os joelhos.

Ainda mais estarrecedor aconteceu com a neta do Barão Seymour Kirkup (fato citado por Aksakof), que escreveu, mediunicamente. na idade de nove dias. Eis a carta que o Barão Kirkup dirigiu ao Sr. Jencken, ao ler as suas declarações no jornal “*Spiritualist*” sobre a faculdade mediúnica de seu filho:

“Minha filha, atualmente com vinte e um ano, escrevia, automaticamente, quando tinha nove dias de nascida. Sua mãe deu à luz, no sétimo mês, e a criança era muito pequena. A mãe segurava-a com a mão, em cima de um travesseiro, tendo na outra mão um livro sobre o qual tinha colocado uma folha de papel; não se sabe por que meio o lápis foi ter à mão da criança. O certo é que Valentina (é o seu nome) conservava-o firme entre os seus dedinhos, e escreve, com segurança e determinação!”

A princípio ela escreveu as iniciais de seus quatro guias: R. A. D. J.

Os anais das pesquisas espíritas registram uma série de fatos a respeito das faculdades medianímicas em crianças. Durante as perseguições dos protestantes na França, por volta do século XVI, crianças de tenra idade eram “possuídas” por levas de Espíritos moralmente atrasados, atraídos pelo clima de profunda perturbação decorrente do estado de ânimo da população:

Essas crianças falavam e profetizavam em francês correto e não nos dialetos de suas respectivas regiões.

Uma testemunha ocular desses acontecimentos, João Vemet, declara (vide “*História do Maravilhoso*”, de Luís Figuier) que viu uma criança, de meses de nascida, falar o francês e com uma voz muito forte e grave, deitada em seu berço. Pregava as obras da humildade em um estado de arrebatamento próprios dos religiosos fanáticos.

A faculdade mediúnica em crianças é notória. Temo-la observado ao longo do tempo, através das pesquisas que empreendemos. Todavia, deve-se adotar, sempre, todos os cuidados no seu trato, conforme recomenda, sensatamente, o mestre Allan Kardec.

Mediunidade Subjugadora

Mediunidade subjugadora - é aquela em que o médium se sente subjugado por Espíritos ou Espíritos inferiores.

A subjugação é a constrição exercida por Espírito (ou Espíritos) inferior, que paralisa a vontade de maneira contrária aos próprios desejos ou sentimentos do assediado, facultando a aberração das faculdades psicofisiológicas.

Kardec ensina que a subjugação obsessiva, designada outrora sob o nome de “possessão”, é uma coação física exercida sempre por Espíritos de pior espécie (denominação kardequiana), e que pode ir até à neutralização do livre arbítrio. Limita-se, freqüentemente, a simples impressões desagradáveis, mas provoca, em certos casos, movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras incoerentes ou injuriosos, das quais a pessoa obsedada compreende por vezes todo o

ridículo a que se expõe, mas não pode impedir. Esse estado difere essencialmente da loucura patológica, com a qual se confunde, sem razão, pois não existe nenhuma lesão orgânica. Sendo a causa diferente, os meios curativos são totalmente outros. Aplicando-se as terapias convencionais, pode provocar, não raras vezes, uma verdadeira loucura onde só havia uma causa moral.

Na loucura propriamente dita a causa do mal é interior. Na subjugação a causa do mal é exterior. É preciso, no caso, desembaraçar o doente do inimigo invisível não com remédios que causam, não raras vezes, profunda dependência, mas uma força moral superior. A experiência demonstra que, em semelhante caso, os exorcismos jamais produziram resultados satisfatórios, e mais agravam que melhoram a situação. O Espiritismo, indicando a verdadeira causa do mal, é o único que pode fornecer o meio de combatê-lo. É preciso, de alguma forma, proceder à educação moral do Espírito obsessor; por conselhos sabiamente dirigidos, chega-se a torná-lo melhor e fazê-lo renunciar voluntariamente a atormentar a sua vítima, e então esta fica livre. Entretanto, e a partir daí, é preciso, “orar e vigiar”, conforme preconiza o Vitorioso do Gólgota.

A subjugação obsessiva é comumente individual; porém, quando um grupo de maus Espíritos se abate sobre uma população, ela pode ter um caráter epidêmico. Deve-se advertir que a mediunidade é apenas uma forma de manifestação dessa influência. Donde se pode dizer, com certeza, que todo médium obsedado deve ter sofrido, de uma maneira qualquer, os efeitos dessa influência; que, sem a mediunidade ela se traduziria por outros efeitos, atribuídos, muitas vezes, àquelas doenças misteriosas que escapam a todas as investigações da medicina. Pela mediunidade o ser malfeitor trai a sua presença; sem a mediunidade é

um inimigo oculto, perigosíssimo!

Aqueles que nada admitem fora da natureza - adverte Kardec - não podem admitir causas ocultas. Mas, quando a ciência tiver saído da rotina materialista, reconhecerá, na ação do mundo invisível que nos rodeia, e no meio do qual vivemos, uma potência que tanto age sobre as coisas físicas quanto sobre as coisas morais. E este será um novo caminho aberto ao progresso. A chave de uma quantidade de fenômenos mal compreendidos, levados geralmente à conta de supersticiosos ou então atribuídos às manifestações cabulosas do inconsciente.

E, finalmente:

A faculdade mediúnica é um dom de Deus, como todas as outras faculdades, que podem ser empregadas tanto para o bem quanto para o mal, e das quais não devemos abusar. Ela tem por objetivo colocar-nos em contato direto com as almas dos que viveram, a fim de recebermos seus ensinamentos e nos iniciarmos na vida futura. Assim como a visão nos coloca em contato com o mundo visível, a mediunidade nos põe em contato com o mundo invisível. Quem dela se serve com um fim útil, para o seu adiantamento e de seus semelhantes, cumpre uma verdadeira missão, da qual terá a recompensa. Aquele que dela abusa e a emprega para coisas fúteis, e com vista ao interesse material, desvia-a da sua finalidade providencial e, cedo ou tarde, sofrerá dolorosas conseqüências.

Mediunidade de Translação ou de Suspensão

Mediunidade de translação ou de suspensão - é aquela que produz a translação de objetos através do espaço ou a sua suspensão,

sem qualquer ponto de apoio. Há os que podem elevar-se a si próprios (levitação).

A levitação é o fenômeno em que, graças à ação dos Espíritos, que se valem dos fluidos de encarnados e desencarnados, suspendem, elevam, total ou parcialmente, seres humanos, coisas e animais.

Epes Sargent, em *“Bases Científicas do Espiritismo”*, afirma: *“... a levitação, fato que tenho testemunhado muitas vezes, é considerado um absurdo, porque viola a lei da gravidade. Não, aí não há violação, mas sim a obra de uma potência invisível e impalpável, produzindo suspensão”*.

Os casos mais notáveis de levitação na era moderna, segundo William Crookes, são atribuídas a Daniel Dunglas Home. O cientista e pesquisador inglês investigou, demoradamente, a faculdade mediúnica de D. D. Home, declarando, com absoluta certeza:

“Rejeitar a evidência destas manifestações, equívale a rejeitar todo o testemunho humano, qualquer que ele seja, porque não há fato na história sagrada ou profana que se apoie em prova mais imponente”.

Opinião de D. D. Home sobre a levitação

“Durante essas levitações, nada sinto, em particular, em mim, exceto a sensação de costume, cuja causa atribuo a uma grande abundância de eletricidade nos meus pés. Não sinto mão nenhuma que me sustenta e, desde a minha primeira ascensão, deixei de ter receio, posto que, se eu tivesse caído de certos tetos, à cuja altura fora elevado, não podia evitar ferimentos graves”.

D. D. Home era levantado, perpendicularmente, com os braços hirtos e erguidos por cima da cabeça, como se quisesse agarrar o ser invisível que o suspendia suavemente do solo. Quando ele chegava ao teto, os pés eram levantados até ao nível da cabeça e ele se achava, conforme declarou, numa posição de descanso. Ele ficava muitas vezes assim suspenso durante quatro ou cinco minutos.

Há uma série de teorias que tentam explicar o fenómeno da levitação. Destacamos a de autoria do Dr. A. Martins Velho, inserida na obra *“O Espiritismo Contemporâneo”*:

“Um corpo pesado pode variar de peso, sem se alterar a sua densidade. Basta, para o conseguir, aplicar os corpos pesado uma outra força que, ou atua no mesmo sentido da gravidade (e em tal caso o corpo aumento de peso) ou atua em sentido contrário (e nesse caso o corpo diminui de peso). Se a força aplicada for igual à da gravidade, o corpo flutuará. Pode demonstrar-se praticamente essa teoria por meio de um pesa-carta e de um ímã: coloca-se no prato do pesa-carta um pedaço de ferro qualquer, e veja-se qual o peso que acusa. Se por cima do pedaço de ferro colocarmos o ímã, e o formos aproximando até que o ferro fique dentro de sua esfera de atração, ver-se-á que o pedaço de ferro pesará tanto menos quanto mais próximo estiver o ímã.”

“Se colocarmos este por baixo do prato do pesa-carta, verificar-se-á que o ferro aumentou de peso. E todavia a densidade do ferro não mudou, porque sua massa não se alterou

“As leis que regulam a gravidade não se alteraram, nem se destruíram; simplesmente a força da gravidade opôs-se uma outra força que a ajudou num caso e a contrariou ou recompensou no outro.”

E conclui o Dr. Martins Velho:

“É o que se dá com a levitação do corpo humano. Ao peso do corpo humano, resultante da gravidade, opôs-se uma outra força aproximadamente igual que permitiu ao corpo flutuar ou elevar-se na atmosfera”.

Entendemos, de nossa parte, que a levitação só se verifica no estado de transe ou de êxtase, em que o médium não se encontra no pleno gozo de suas faculdades, antes está dominado pela força psíquica de outrem, inclinando-nos a hipótese de ser a ação de um Espírito (ou Espíritos) a causa determinante do fenômeno.

Allan Kardec não conhecia o termo *“levitação”* (pelo menos não fez uso dele pelo menos nem uma só vez). Falava em suspensão aérea dos corpos graves: de pessoas ou de coisas.

Na Revista Espírita referente ao mês de abril de 1864, o Codificador explica o processo pelo qual se verifica a *“suspensão aérea dos corpos graves”*, tomando, por exemplo os fenômenos das *“mesas flutuantes”*.

“Quando a mesa se ergue do solo” - escreveu o mestre de Lyon - *“e flutua no espaço, sem ponto de apoio, o Espírito não a levanta pela força do braço, mas a envolve e a penetra em uma espécie de atmosfera fluídica, que neutraliza a gravidade, como faz o ar com os balões.”*

O fluido de que é penetrada a mesa lhe dá, momentaneamente, uma maior leveza específica. Quando plantada ao solo, está no caso da campanula pneumática, sob a qual se faz o vácuo. São estas simples comparações, para mostrar a analogia dos efeitos, e não a similitude

absoluta das causas. Depois disso, conclui Kardec - compreende-se que a um Espírito não é mais difícil levantar uma pessoa do que uma mesa, transportar um objeto de um a outro lugar; ou atirá-lo em qualquer parte. Esses fenômenos são produzidos pela mesma lei.

Atualmente, no mundo ocidental cientistas estão tentando criar efeitos antigravitacionais de modo artificial, isto é, técnico. Neste campo de pesquisa destacam-se os nomes do Dr. Henry Wallace (norte-americano), do professor Eric Laithwait, do Imperial College, de Londres, do professor William Little, da Universidade de Standford e do Dr. Malcolm Skove, do professor de física na Universidade de Clenson (USA). A chave da neutralização da gravidade é a geração de fortes campos magnéticos que eles querem criar através de supercondutores, condutores que, perto de zero absolutamente 273,15°C negativos - não oferecem resistência à corrente elétrica.

Mediunidade Auditiva

Mediunidade auditiva - é aquela em que o médium recebe mensagem pela audição. Trata-se, na classificação kardequiana, da “*pneumatofonia*”. É algumas vezes uma voz interna que se faz ouvir no íntimo. De outras vezes é uma voz externa, clara e distinta como de uma pessoa viva. “Os médiuns audientes - “esclarece Kardec em ‘*O LIVRO DOS MEDIÚNS*’ - “*podem assumir conversas com os Espíritos. Quando adquirem o hábito de comunicar-se com certos Espíritos, os reconhece imediatamente pelo timbre de voz*”. Naturalmente, esta faculdade é muito agradável, quando o médium só houve Espíritos bons. Mas não se dá o mesmo quando um Espírito mau se apega ao médium, fazendo-lhe ouvir xingamentos, convite a práticas eróticas, ameaças ou sugestões ao suicídio ou ao assassinato.”

Muitas vezes os Espíritos conversam e se fazem ouvir distintamente. Conversavam com o filósofo Sócrates, instruindo-o e o orientando. Era o “*daimon*” ou o Espírito que caminhava lado a lado com o notável pensador grego, participando do seu dia-a-dia, de seus sucessos e revezes, fazendo-lhe companhia nos instantes derradeiro e dolorosas de sua existência profícua. Jeanne D’Arc ouvia vozes que lhe falava de sua missão em prol de uma França livre das amarras estrangeiras. Ambos, Sócrates e Jeanne tiveram morte trágica - ele obrigado a beber veneno; ela, levada à ignominiosa fogueira sob os apupos de leviana multidão, sempre utilizada pelo poder em busca da legitimidade histórica de suas sandices, de suas ambições, de seus tresvarios...

(...) (FORAM PERDIDOS DOIS PARÁGRAFOS)

salão completamente vazio e fechou as portas e janelas do recinto. Ao terminar o primeiro lado da fita, Natália desligou o aparelho e chamou sua amiga, também artista plástica, para examinarem o que haviam obtido.

No início, apareceram vozes de mulheres que, aparentemente repetiam uma longa litania. Pouco depois, uma música religiosa, interpretada por um órgão passou de um distante segundo plano para um quase estridente primeiro plano. Antes da fita terminar, a música cessou subitamente.

O sucesso da experiência levou as duas amigas (ambas médiuns de ectoplasmia, ou uma delas, o que possibilitou o fenômeno) a, um mês depois, reunirem outras pessoas (que poderiam ou não contribuir para intensidade do processo) interessados em fenômenos espíritas, agora no Valle de Los Caídos (local onde foi sepultado o corpo do

general Franco, que dominou a Espanha, com mão de ferro, por longos anos), quando se levou a efeito, exatamente à meia-noite, experiência de gravação de vozes do além.

O gravador foi acionado e deixado próximo a uma árvore, em meio a um pequeno bosque. Para evitar-se a gravação de ruídos feitos pelos próprios pesquisadores, eles se retiraram a 100 metros de distância. Enquanto esperavam, começaram a sentir um grande cansaço, Natália (...)

(FORAM PERDIDOS DOIS PARÁGRAFOS)

O seu corpo, após morte violenta, foi sepultado nos jardins do palácio imperial, cercado de extraordinária pompa. Dias depois, ninguém conseguia dormir no palácio, em virtude dos gritos, gemidos e imprecações partidos dos arredores da sepultura. Tudo cessou quando levaram o corpo do imperador e o jogaram em alto mar...

Mediunidade Automática ou Mecânica

Mediunidade automática ou mecânica - entre as manifestações espíritas, uma das mais convincentes para quem as faça objetos de seus estudos, é, sem dúvida, a escrita automática ou mecânica. Sentir o braço agitado por movimentos cujo controle não se é dono; ver a própria mão escrever sob a influência de outra vontade; escrever, páginas inteiras cujo sentido se ignora, são fatos apropriados para fazer ver que se está sob influência de uma potência estranha, com a qual, indubitavelmente, se desejará entrar no mais amplo conhecimento. O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de estremecimento no braço e na mão; pouco a pouco esta é arrastada por um impulso que não se pode resistir. Logo os caracteres aparecem, mais e mais definidos, e

a escrita termina por se realizar com assombrosa rapidez. Em todos os casos, é necessário abandonar a mão a seu rudimento natural, sem resistência sem qualquer impulso.

Gabriel Delanne afirma que uma das mais convincentes manifestações espíritas é, sem dúvida, a **escrita automática**. Sentir o braço agitado por movimentos que cujo o controle é praticamente impossível; ver a própria mão escrever sob influência de outra vontade; escrever sem interrupção páginas inteiras, ignorando-se-lhe o sentido, constituem, sem embargo, algo que deveria despertar a atenção dos estudos sérios.

Hipótese Sobre a Escrita Automática

Hippolyte Taine (1829-1893) autor da obra *“De Lintelligence”*, (1870), esboça uma tese sobre a escrita automática que se identifica com a “associação da consciência”, preconizada pelo psicólogo William James.

Eis que as considerações de Taine (que fora um dos arautos do determinismo em França) afirma que pode ocorrer, em certos sujeitos, um desdobramento mental espontâneo que cria duas personalidades distintas, ignorantes uma da outra e existindo simultaneamente.

Gabriel Dellane ao analisar as considerações de Taine, conclui que o escritor francês enuncia uma pura hipótese que não se apoia em demonstração nenhuma. E o autor de *“A Alma é Imorta”* E adverte - *“Temos o dever de estudar, com toda a atenção, isso que se denomina “automatismo psicológico”, “subconsciência”, o eu subliminal”, base do suposto “desdobramento mental”, a fim de que se separar, dizemos nós, o joio do trigo, ou os fenômenos tipicamente anímico dos*

flagrantemente espíritas.

O Professor James H. Hyslop e a Escrita Automática

James H. Hyslop (1854-1920) ex-professor de Lógica e de Ética na Universidade de Columbia (USA) presta o seu valioso testemunho não exatamente na qualidade de pesquisador, mas de médium, de excelente médium de escrita automática.

Preliminarmente, o Dr. Hyslop informa que nunca fora adepto do Espiritismo, e até então não se submetera à hipnose. O fenômeno de escrita automática aconteceu, com ele, de forma espontânea. Adverte: *“a escrita difere da minha e é produzida com uma rapidez que me seria impossível Os pensamentos não são meus, e, freqüentemente, estão em oposição com os que me são mais caros”* (Fato idêntico, guardadas as devidas proporções, aconteceu com o notável poeta português Fernando Pessoa).

O Dr. Hyslop constatou que não podia obter, à vontade, a escrita automática. Ao tentar vencer esta barreira, conseguiu, apenas algumas palavras: *“as condições são más”*, escreveram.

O Dr. Hyslop, por sua vez, tece as seguintes críticas sobre a dissociação da personalidade, nos seguintes termos:

“Essa teoria, absolutamente hipotética, foi unanimemente condenada por quantos se têm ocupado dos fenômenos espíritas e psíquicos”.

Eis, em suma, o que o Prof. Oliver Lodge sentenciou a respeito.

“É lógico acreditar que, desde o nosso nascimento até a nossa

morte, temos dentro de nós outra personalidade de que nada sabemos, mas que tem consciência de todos os atos de nossas vidas assim como dos feitos e dos gostos dos nossos parentes ou amigos mortos”. E até de pessoas estranhas?

A Escrita Automática e a Perda Da Sensibilidade

O psicólogo William James, em sua obra “*Experiences d’un Psychiste*” (Editions Payot, 1972) informa que ele e o Dr. Richard Hodgson (um dos principais pilares da “*Society for Psychical Research*”, de Londres) participaram de demoradas pesquisas de **escrita automática**. Verificaram, após inúmeras observações, que a mão da pessoa submetida à escrita automática (pelo menos em certos casos) estão destituídas de sensibilidade.

As pessoas, por exemplo, que escreviam com a prancheta falavam de uma sensação de formigamento na mão desejando constatar o fato, Dr, William James e Richard Hodgson levaram o efeito metucioso trabalho de pesquisa com o médium William L. Smith, de Concord(Massachusetts) que apresentou, com a prancheta ou com um lápis, uma notória reação de insensibilidade. O interessante é que a reação partiu do Espírito comunicante, que escreveu ao ser picada com alfinete, a mão do médium: “*É inútil tentar escrever quando me fazem doer... não me piquem mais.*”

Ao ser interrogado, posteriormente, William L. Smith negou ter sido picado durante a sessão.

Mediunidade Curadora

Mediunidade curadora - esse gênero da mediunidade consiste principalmente no dom de curar por simples toques, pelo olhar ou

mesmo por um gesto, sem nenhuma medicação. *“Certamente dirão”- adverte Kardec (‘O LIVRO DOS MÉDIUNS’) - “que se trata simplesmente de magnetismo. E evidente que o fluido magnético exerce um grande papel no caso. Mas, quando se examina o fenômeno com o devido cuidado, facilmente se reconhece a presença de mais alguma coisa”*.

A verdade é que a magnetização é uma verdadeira forma de tratamento, com a devida seqüência, regular e metódica (passeterapia). No caso referido, as coisas transcorrem de maneira inteiramente diversa. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se souberem se conduzir convenientemente. Mas entre os médiuns curadores a faculdade é espontânea, e, às vezes a possuem sem jamais terem ouvido falar em magnetismo. A intervenção de uma potência oculta toma-se evidente no processo da mediunidade de cura.

A cura espiritual é um fato que se deu em todos os tempos e em todos os meios. Há milhares de anos, como nos nossos dias; entre os selvagens e os civilizados, nas igrejas ortodoxas e sistemáticas. Sempre houve curas espirituais a favor de todas as crenças.

Nos seios das florestas ou no abrigo dos templos, muitos doentes encontram alívio e saúde.

A história religiosa cita os nomes dos indivíduos que possuíam o dom de curar, como o imperador Vespasiano, Apolônio de Tiana, Luís XIII, Arnaldo de Vileneuve, Van Relmont, Anton Mesmer, o Marquês de Puységur, que atraíram multidões de sofredores em busca do alívio às suas dores e sofrimentos.

E entre os Espíritos, de todas as latitudes, proliferam modestos,

mas eficazes, instrumentos de bondade divina, humildes perante os homens e grandes diante de Deus, que asseguram a difícil e abençoada missão de curar.

Cirurgia Simpatética

CIRURGIA SIMPATÉTICA - O desenvolvimento deste tipo de mediunidade realiza-se de maneira discreta, geralmente disfarçado, na produção de efeitos físicos, de vidência, de doenças súbitas e sem motivo aparente; de repente, desaparecem. Na realidade, o médium está sendo submetido a uma espécie de experimentação de suas possibilidades psicofísicas e de preparação para suas futuras atividades. O Prof. J. Herculano Pires refere-se a Anésio Siqueira, famoso na década de 1930, que sofreu grave enfermidade que o levou à beira da morte. Os médicos o desenganaram; de repente, recuperou-se e começou a fazer curas. Não conhecia o Espiritismo e nunca o aprendeu. Realizou curas espantosas, tanto espirituais (desobsessão) quanto materiais. A Cirurgia Simpatética ou simpática é assim chamada por sua semelhança com a magia-simpática. José Arigo a produzia, mas somente em casos especiais. No geral, agia de maneira brusca, com faca ou canivete, cortando o paciente sem anestesia nem assepsia. Na Cirurgia Simpatética, o médium não toca no doente. Bemarda Torrúbio, também portadora dessa extraordinária (e não investigada) faculdade mediúnica, que residia em Garça, Alta Paulista, fazia um a prece, pedindo assistência aos Espíritos, estendia as mãos sobre o enfermo, sem tocá-lo. Este sentia que mexiam por dentro, em seus órgãos doentes. Ocorriam-lhe ânsias de vômito, mas quem vomitava era a médium. Vômito geralmente espesso, com sangue e pedaços de matérias orgânicas. O doente se sentia fraco, abatido como se tivesse passado por uma intervenção cirúrgica. As dores internas confirmavam

esta impressão. Durante uns poucos dias as dores continuavam, mas logo começavam a diminuir e desapareciam. A recuperação era rápida e total. A mediunidade-cirúrgica é muitas vezes acompanhada de fenômenos ocasionais de efeitos físicos. Isto é natural, pois a própria cura e as operações pertencem a essa classificação mediúnica. Bernarda Torrúbio manifestava estranhos fenômenos de transporte de objetos, à distância, e, aparentemente, através de portas e janelas fechadas. Em reunião com Urbano de Assis Chavier, em Marília, São Paulo (baiano de Esplanada, médium de cura, de psicofonia e de materialização), houve notáveis ocorrências desta natureza, inteiramente inesperada. Os médiuns dotados dessas faculdades precisam ser instruídos doutrinariamente para saber se portai na vida comum e para ter consciência de que os fenômenos não são produzidos por eles, mas por ação dos Espíritos. Com isso se livrarão da vaidade tola que os leva a crer em seus poderes pessoais, julgando-se donos deles capazes de controlá-los por si mesmos. Essa idéia de posse individual os leva, também, a cair mais facilmente nas ciladas dos aproveitadores. Essa mediunidade exige constante vigilância do médium no tocante aos seus deveres morais e espirituais e a mais plena consciência de sua responsabilidade doutrinárias. Essa faculdade mediúnica ficou esquecida no passado, fazendo parte silenciosa da história do Espiritismo em nosso País. Há médiuns, na atualidade, portadores da mediunidade de cirurgia-simpatética, necessitando, apenas, que sejam revelados pela pesquisa, pela experimentação.

A Cura pela Transmissão de Energia

A transmissão de energia vem sendo estudado, no Exterior, através de variadas técnicas. O Dr. Bernard Grad, da Universidade McGill, Canadá, iniciou, em 1967, pesquisas neste sentido, com o

curador húngaro, chamado Estebany. Grade resolveu verificar os efeitos fisiológicos provocados pela imposição das mãos sobre 300 ratos, das costas dos quais haviam sido retirados pequenos pedaços. 100 ratos foram tratados pelo curador; outros 100 por pessoas comuns, e os restantes não receberam tratamento. Os ferimentos cuidados por Estebany cicatrizaram de forma significativamente mais rápida do que os dos outros dois grupos. Após essa experiência, Grad decidiu estudar a influência do curador sobre outros organismos vivos. Observou, então, dois grupos de sementes de cevada, já plantados, e concluiu que o grupo ao qual Estebany transmitiu energia, cresceu mais rapidamente do que o grupo de controle, que não recebeu o tratamento. Notou também que certos estados emocionais afetam a qualidade dessa energia: - pessoas deprimidas, por exemplo, podem inibir o crescimento das plantas tratadas por elas. Há poucos anos, a Dr. Elizabeth Rauscher, especialista norte-americana em medicina nuclear, pesquisou os efeitos de imposição de mãos sobre culturas de bactérias “salmonella typhimurium”. Pediu à curadora norte-americana Olga Worrall que mantivesse suas mãos acima dessas culturas, por dois minutos. Ficou demonstrado que o crescimento e a motilidade dessas bactérias aumentaram, mesmo na presença de inibidores de crescimento, como a tetraciclina e o clorofenicol ou de movimento como o fenol. O Dr. Florim Dumitrescu, médico e engenheiro romeno radicado na França é a maior autoridade mundial em eletronografia, um procedimento que permite o rastreamento dos campos de energia dentro como em volta do corpo humano, através de imagens estáticas ou dinâmicas. O equipamento é semelhante à máquina Kirlian (inventada pelo casal russo Kirlian) mais sofisticado na medida em que permite registros que vão desde fotos em preto e branco até imagens ao vivo em circuitos internos de TV em cores. Uma inflamação, por exemplo, aparece como

uma zona escura, enquanto um tumor maligno revela uma zona de luz intensa diferente do tecido saudável. Deve-se dizer, a bem da verdade, que o pioneiro no processo de cura foi Allan Kardec “*Esse gênero de mediunidade*” - afirmou Kardec - “*consiste principalmente no dom de curar por simples loques, sem nenhuma medicação. É evidente que o Fluido magnético exerce um grande papel no caso. Mas, quando se examina o fenômeno com o devido cuidado, facilmente se reconhece a presença de alguma coisa*”. Há, então, segundo o Codificador da Doutrina Espírita dois aspectos a ser considerados: 1º - a magnetização comum, que é uma verdadeira forma de tratamento, com a devida seqüência regular e metódica; 2º - verifica-se a intervenção de uma potência oculta que caracteriza a mediunidade. Afirma o Prof. Herculano Pires, em nota de rodapé da 7ª edição de “*O Livro dos Espíritos*”: “*A ação dos Espíritos é que realmente dá eficácia curadora ao magnetismo humano*”.

Mediunidade de Vidência

Mediunidade de vidência - Os médiuns videntes são dotados de faculdade de ver os Espíritos. Há os que têm essa faculdade em estado normal, perfeitamente em estado de vigília, guardando lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico. Esta faculdade, por sinal, não é permanente, sendo resultado de uma crise súbita e passageira.

O médium vidente acredita ver pelos os olhos, como os que têm dupla vista; mas, na realidade, é a alma que vê, e, por essa razão, ele vê com os olhos abertos ou fechados. Desta maneira, um cego pode ver os

Espíritos como os que têm visão normal².

A mediunidade de vidência é, na opinião de criteriosos pesquisadores, uma das mais curiosas manifestações dos Espíritos. Não há melhor prova da sobrevivência que aquela que permite a um Espírito tomar-se visível. Distinguem-se dois casos:

1. O médium vê com os olhos;
2. O médium vê em estado de desprendimento.

Gabriel Delanne oferece os seguintes procedimentos através dos quais o médium pode saber em que estado se encontra - se no primeiro ou no segundo. Ao ver um Espírito, se desvia o olhar ou fecha os olhos, e a aparição continua visível, é que ele está desprendido; se, pelo contrário, não percebe mais o Espírito, é que vê com os olhos do corpo.

Eis os exemplos, de ambos os casos, extraídos da *Revue Spirite* de 1861:

“Um de nossos colegas,” diz Allan Kardec, “contava-nos ultimamente que um oficial seu amigo estava na África quando viu, inopinadamente, o quadro de um cortejo fúnebre. Era o de um de seus tios, que habitava na França, e que ele não via há muito tempo. Notou, distintamente, toda a cerimônia, desde a partida da casa mortuária, até a igreja e o transporte ao cemitério. Chegou a registrar certas

² Em nota de rodapé de “O Livros dos *Médiuns*”, o tradutor da obra, o prof. J. H. Pires, elucidou que a vidência propriamente dita independe dos olhos materiais, porque é uma visão anímica; a alma vê fora do corpo. É o que a Parapsicologia chama de percepção extra-sensorial.

A dupla vista se manifesta sempre como um desdobramento da visão normal. Um cego não tem dupla vista, mas apenas vidência.

particularidades de que não podia ter idéia. Estava acordado, no momento, mas em estado de prostração, de que só saiu quando tudo desapareceu.

Impressionado, escreveu para a França, pedindo notícias de seu tio, e soube que ele tinha morrido, subitamente, e havia enterrado na hora e no dia em que se deu o fenômeno.

É evidente que foi a alma do oficial que se despreendeu e presenciou, na França, os trâmites do sepultamento de seu tio”

O segundo caso, transcreveu do seguinte modo:

“Um médium do nosso conhecimento, Felix Maio, tratara uma jovem; percebendo, porém, que os ares de Paris lhe eram prejudiciais, aconselhou-a a que fosse passar algum tempo com sua família, na Província, o que ela fez. Havia seis meses que ele nada sabia a seu respeito, nem nela pensava mais, quando, uma noite, lá para as dez horas, estava no seu quarto de dormir e ouviu bater à porta do gabinete de consulta. Supondo que alguém o vinha chamar para atender um doente, mandou que entrasse. Ficou vivamente surpreendido por ver à sua frente a jovem, que lhe disse, com extraordinário sangue-frio.”

“- Dr. Maio, venho dizer-lhe que estou morta”- , e desapareceu.

O médico assegurou-se que estava bem acordado e de que não havia entrado ninguém, efetivamente, no consultório, além daquela aparição.

Dias depois, o médico ficou sabendo que a sua jovem paciente falecera na noite que lhe aparecera.

Neste caso, foi o Espírito da jovem que veio procurar o médico. Os incrédulos não de afirmar (baseados em coisa nenhuma) que o médico, preocupado com a sua paciente, tivera criado, por uma projeção subconscencial, todo o episódio fantasmal. Mas, como se pode explicar a coincidência de sua aparição, justamente no momento da morte? E como o médico poderia determinar o dia e a hora da morte da doente, que não via há algum tempo?

Mediunidade Intuitiva

Mediunidade intuitiva - a comunicação do pensamento do Espírito pode se dar por meio do Espírito do médium, ou melhor, da sua alma, desde que Kardec designava por essa palavra o Espírito quando encarnado. O Espírito comunicante, neste caso, não age sobre a mão para fazê-la escrever, não a toma nem a guia, agindo sobre a alma com a qual se identifica. O Espírito comunicante não substitui a alma do médium, porque não poderia deslocá-la do corpo: domina-a, sem que isso dependa da vontade dela, e lhe imprime a sua vontade própria. Assim, o papel da alma não é absolutamente passivo. É ela que recebe o pensamento do Espírito e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que fala ou escreve, embora não se trate do seu pensamento. “O *médium intuitivo*”- esclarece Kardec - *u age como intérprete. Para transmitir o pensamento ele precisa compreendê-lo, de certa maneira assimilá-lo, afim de traduzi-lo fielmente. Esse pensamento não é dele: nada mais faz do que passar através do seu cérebro*

Mediunidade de Inspiração

Mediunidade de inspiração - todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas

idéias, sem serem, como estas, preconcebidas, podem ser consideradas médiuns inspirados. Trata-se de uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais difícil de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que lhe foi sugerido. “*O que caracteriza este último*” - esclarece Kardec - *ué, sobretudo, a espontaneidade*”.

E o Codificador do Espiritismo acrescenta:

“Recebemos a inspiração dos Espíritos que nos influenciam para o bem e para o mal. Mas ela é principalmente a ajuda dos que desejam o nosso bem, e cujos conselhos rejeitamos com muita freqüência. Aplica-se a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar. Nesse sentido podemos dizer que todos são médiuns, pois não há quem não tenha os seus Espíritos protetores familiares, que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos. Se todos estivessem compenetrados desta verdade, com maior freqüência se recorreria à inspiração do anjo guardião, nos momentos em não se sabe o que dizer ou fazer”

Eis o diálogo havido entre Kardec e um dos Espíritos Reveladores:

- Qual a causa primeira da inspiração?
- A comunicação mental do Espírito
- A inspiração se destina apenas a grandes revelações?

- Não. Ela se relaciona quase sempre com as mais comuns circunstâncias da vida. Por exemplo: queres ir a algum lugar e uma voz secreta te diz que não, porque corres perigo; ou ainda essa voz te sugere

fazer uma coisa em que não pensavas. Isso é inspiração. Há bem poucas pessoas que não tenham sido inspiradas em diversas ocasiões.

- Um escritor, um pintor, um músico, por exemplo, nos momentos de inspiração podem ser considerados médiuns?

- Sim, pois neste momento têm a alma mais leve e como separada da matéria, que então recobra em parte as suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos Espíritos que a inspiram.

“O mistério da inspiração” - elucida o Prof. José H. Pires - “é assim explicado como um processo de semidesprendimento da alma. Neste estado, o artista amplia a sua visão das coisas, adquire percepções extra-sensoriais e entra em comunicação com os amigos espirituais que o ajudam”.

Mediunidade de Premonição

Mediunidade de premonição - A premonição ocorre quando acontecimentos futuros chegam ao conhecimento da pessoa de uma forma inesperada, por meios de sonhos, visões ou intuições. Geralmente, quando o prenuncio vem pela intuição, ele está relacionado a fatos desagradáveis e até trágicos - são os pressentimentos ou premonições.

Não é incomum a premonição através do sonho. Há, às vezes, explicação natural como no caso seguinte, citado por Alfred Still, em *“Borderlands of Science”*: Um rico negociante, viajando de Roma para Siena (Itália), sonhou que fora assassinado na estrada. A recordação desse sonho era tão real que o levou a orar e a se confessar. Cumpriu-se, então, a premonição, pois foi assassinado pelo próprio padre a quem,

na confissão, deu a conhecer não só seus temores como, também, da sua fortuna.

Na obra “Real Ghosts Stories”, o publicista inglês William Thomas Stead (morto no naufrágio do navio “Titanic”, em 1912), cita algumas de suas próprias experiências de premonição, o que lhe permitiu escrever: *A premonição distingue-se do sonho, embora muitas vezes seja transmitida nele. Seja dormindo, seja acordado, há ocasiões em que o homem tem, por assim dizer, vislumbres ocasionais por detrás do véu que oculta o futuro. Às vezes essa premonição assume a forma de profunda consciência, baseada não na razão ou na observação de que nos aguarda algum grande trabalho a ser feito, do qual temos idéia obscura mas que é, entretanto, a única validade da vida”. E, de fato, William Stead realizou um grande trabalho, pelo menos no campo sempre fértil das pesquisas espíritas.*

No “*Tratado de Metapsíquica*” (1922), o Prof. Charles Richet estabeleceu vários critérios de identificação da premonição:

“Ela é inspirada. Não é baseada em nenhuma forma de relaxação, hipnose, auto-sugestão, sonambulismo, drogas, experimentos voluntários ou meditação. É imprevisível para o próprio agente”.

Não se refere à doença ou morte natural do agente ou de conhecidos seus, particularmente de pessoas em idade avançada, ocorre dentro de meses, semanas ou dias.

A verdadeira premonição refere-se a acontecimentos surpreendentes, triviais ou trágicos, que nenhuma influência, astúcia ou sagacidade permitiria prever. Seus detalhes exatos e objetivos, como datas, nomes, lugares etc, definitivamente eliminaram o acaso, ou

diminuem a probabilidade de sua ocorrência. Um registro por escrito, com data, de preferência corroborado por testemunhas idôneas, ou um relato oral a uma ou a várias pessoas, antes dos fatos confirmatórios, garante a autenticidade da premonição. Documentos e testemunhas verazes são peças importantes no reconhecimento do fenômeno extra sensorial espontâneo.

Enquanto isso, J. B. Rhine, considerado o pai da Parapsicologia definiu a premonição como a apreensão de um acontecimento futuro por meio não sensorial e não racional. Julga Rhine que a percepção extra-sensorial prova a existência, na personalidade humana, de elementos espirituais com vida própria e conseqüentemente com independência da matéria. Essa independência implica imortalidade!

Os Estudos Pioneiros de Allan Kardec

No livro “*ri Gênese*”, livro integrante da Codificação do Espiritismo, Allan Kardec trata, em capítulo específico, da Presciência ou premonição. Inicialmente, o Codificador pergunta:

“Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a possibilidade da precisão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; porém, não a dos que nenhuma relação guardem com esse estado, nem ainda menos a dos que são comumente atribuídos ao acaso. Não existem as coisas futuras, dizem; elas ainda se encontram no nada; como, pois, se há de saber que se darão? São, no entanto, em grande número os casos de predições realizadas, donde forçosa se torna a conclusão de que ocorre aí um fenômeno, para cuja explicação falta a chave, porquanto não há efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar descobrir e é ainda o Espiritismo, já de si mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, mas mostrando-nos, ao

demais, que o próprio fato das predições não se produz com a exclusão das leis naturais”.

A despeito dos esclarecimentos kardecistas, lançando luzes sobre o palpitante assunto, ele ainda se encontra em aberto, susceptível, pois, de investigação de parte dos pesquisadores destes finais de século ou do início do próximo, quando se inicia, para a humanidade, em novo milênio!

Mediunidade de Pneumatografia

Mediunidade de pneumatografia - essa designação corresponde aos médiuns que têm aptidão para obter escrita direta, o que não é dado a todos os médiuns escreventes. Essa faculdade é muito rara. Sua utilidade prática se limita a comprovação evidente da intervenção de uma potência oculta nas manifestações. Só a experiência pode revelar se alguém a possui.

Segundo a maior ou menor potência do médium, obtêm-se apenas traços, sinais, letras, palavras, frases ou até mesmo páginas inteiras. Basta geralmente se colocar uma folha de papel dobrado em algum lugar, ou em lugar designado pelo Espírito, durante dez minutos, um quarto de hora ou um pouco mais. Kardec recomenda a prece e o recolhimento, como condições essenciais para a obtenção do fenômeno.

Os Espíritos Reveladores insistiram com Kardec, contra a sua pessoal opinião, para colocar a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, segundo afirmaram, de que: *“Os efeitos inteligentes são os que o Espírito produz servindo-se dos elementos existentes no cérebro do médium, o que não é o caso da escrita direta. A ação do médium é, nesta, inteiramente material, enquanto no médium*

escrevente mesmo que seja completamente mecânica, o cérebro tem sempre um papel ativo.”

Depreende-se, então, das justificativas dos Invisíveis, que os *efeitos inteligentes* requerem o concurso dos elementos inteligentes ou culturais do médium (culturais no sentido reencarnacionista). A produção do efeito material exige muito no plano da matéria deixando pouca margem para a troca de idéias. (J.H. Pires)

Mediunidade de Pneumatofonia

Mediunidade de pneumatofonia - informa Kardec que os Espíritos, podendo produzir ruídos e pancadas, podem materialmente fazer ouvir gritos de toda a espécie e sons vocais imitando a voz humana, ao nosso lado ou no ar. Esse fenômeno designado de *pneumatofonia*. Segundo o que se conhece da natureza dos Espíritos, pode-se supor que alguns deles, quando de ordem inferior, iludem-se com isso e acreditam falar como quando viviam.

Adverte-se, porém, para o fato de evitar tomar por vozes ocultas todos os sons de coisa desconhecida ou os simples zumbidos do ouvido, e sobretudo de aceitar a crença vulgar de que o ouvido que zune está avisando que falam da pessoa em algum lugar. Esses zumbidos, de causa puramente fisiológica, não tem aliás nenhum sentido, enquanto os sons da *pneumatofonia* exprimem pensamentos e somente por isso pode-se reconhecer que têm uma causa inteligente e não acidental. Deve-se estabelecer, como princípio, que apenas os efeitos notoriamente inteligentes podem atestar a intervenção dos Espíritos.

Ocorre, com certa freqüência, a certas pessoas ouvirem, meio adormecidas, pronunciarem palavras, nomes, às vezes até mesmo frases

inteiras, e isso de maneira tão incisiva que acordam sobressaltadas. Os sons espíritas ou pneuinatofônicos manifestam-se mediante duas formas bem distintas: é às vezes uma voz interna que ressoa em nosso íntimo, e embora as palavras sejam claras e distintas, nada têm de material; de outras vezes as palavras são exteriores e tão distintamente articuladas como se viessem de uma pessoa ao nosso lado.

Voz Direta em Sessões Experimentais

Em sessões específicas de voz direta, as vozes partem de vários pontos do ambiente, sem virem do médium e claramente percebidas pelos assistentes. Dependendo da *corrente mediúnica*, as vozes dos Espíritos podem ser fracas, embora audíveis, ou normais, com tonalidades semelhantes à de uma conversa à voz natural. Os desencarnados muitas vezes são reconhecidos pelo timbre de voz, praticamente igual ao que possuíam quando vivos. As vozes podem se manifestar da seguinte forma: por intermédio de um megafone de metal ou sem ele. O primeiro caso é mais freqüente - o aparelho metálico é levitado a uma certa altura e a voz sai de órgãos vocais materializados na parte mais ampla do megafone, passa pela sua extremidade menor, ligeiramente ampliada, para ressoar no pequeno espaço do local onde se acha em círculo os assistentes. No segundo caso, a voz aparece sem o concurso do megafone. Também não provém do médium. Esse processo é raro e muito mais interessante, porque a voz é de tom exclusivamente humano, sem trazer o timbre metálico do instrumento. Em ambos os casos as entidade espirituais que se manifesta se dirigem a alguém do círculo de pesquisa, identificando-se e falando de assuntos íntimos quando se trata de parentes ou de pessoas conhecidas.

As sessões de voz direta, na maioria da vezes, só se realizam em

plena escuridão. Entretanto, excelentes resultados têm sido conseguidos em sessões no claro e durante o dia.

Fenômeno convincente e admirável o da voz direta, destinado a derrubar a muralha da descrença que se levantou contra o Espiritismo. Como Rodrigo Sanz soube ser verdadeiro e justo, afirmando no seu opúsculo “Materialismo e Espiritismo”:

“- Eu só desejo os materialistas que ouçam, e não lhes pedir, senão, que procurem ouvir a voz direta de um morto querido. Porque não há convicção científica, nem arraigada incredulidade que resistam a esta prova prodigiosa, a esta evidência que se nos impõe: a garganta, o cérebro, todo o corpo de fulano são cinzas há muitos anos e já não existem; mas aquela sua voz e não de outro, é esta que ouço!.. Então, por que ela subsiste? É porque outra coisa, que não o seu corpo e o seu cérebro, era e continua a ser o seu eu!..”

E, acrescentemos, por mais fortes que sejam os abalos, por mais duras e profundas que sejam as mudanças é fato de que o EU de cada qual subsiste sempre, com força permanente, como entidade que existe por si mesma e eternamente!

Mediunidade de Desenho ou de Pintura

Mediunidade de desenho ou de pintura - é aquela em que o médium possui a faculdade de desenhar ou de pintar.

São características da pintura mediúnica, não só a fidelidade aos estilos peculiares a cada pintor-Espírito, como também, ao trabalho sucessivo e algumas vezes simultâneo, com escolas distintas, e não raro, antagônicas entre si. Destacam-se, por outro lado, as maneiras não

convencionais e a rapidez com que são produzidas tais obras, que podem ser elaboradas, vertiginosamente, com ou sem pincéis, espátulas etc, utilizando-se, o médium, as mãos, direita, esquerda, ou ambas ou os pés, conservando os olhos abertos ou fechados, à obscuridade ou à luz artificial ou solar, tudo realizado em tempo que varia de segundos ou minutos.

Alguns pesquisadores dividem, ainda, a mediunidade de pintura ou desenho em três classes especiais:

1 - Mediunidade de desenho direto (ou por precipitação). É a faculdade de provocar o aparecimento direto de desenhos em telas ou em folhas de papel encenadas em envelopes ou recipientes hermeticamente fechados, tal como se fazia com o médium escocês David Duguid e mais intensa e surpreendentemente com as médiuns Lizzie e May Bangs, de Chicago (USA).

Seria mera coincidência que as irmãs Fox tivessem iniciado este tipo de mediunidade um ano depois do pensamento de Margareth - última sobrevivente das heroínas de Hydesville - em 1839, Lizzie e May Bangs obtiveram resultados probatórios através de sua mediunidade de escrita automática, durante dezessete anos. Depois surgiu a faculdade que possibilitava a pintura dos retratos coloridos, feitos à luz do dia e à vista de observadores atônitos. O fenômeno é considerado, pelos pesquisadores como um dos mais misteriosos da mediunidade. O método empregado pelas entidades espirituais, técnicos altamente desenvolvidos na arte - é fascinante. Colocavam-se os chassis de madeira, com a tela, dois de cada vez, face a face, contra uma janela. Os bordos inferiores assentavam - se sobre uma mesa e os laterais eram segurados com a mão, por cada uma das irmãs, de modo

que as telas se tocavam. Desciam-se as duas cortinas, pendentes, faziam um pequeno gabinete em torno das médiuns. A luz que atravessava as telas permitia aos assistentes o exame do fenômeno durante todo o tempo. Começavam, então, a aparecer contornos, como se o artista espiritual estivesse desenhando um esboço preliminar. Depois o processo ganhava intensidade e quando as telas eram separadas, os retratos surgiam. Geralmente eram de pessoas relacionadas aos assistentes e já desencarnadas. Embora a pintura se apresentasse ainda gordurosa e aderisse ao dedo quando tocada, não se observavam manchas na outra tela que lhe ficava justaposta. Na sala não se encontrava tintas nem assessórios de pintura. As irmãs médiuns costumavam pedir aos assistentes que trouxessem fotografias de parentes ou amigos desencarnados, que pudessem ser atraídos à sessão e retratados. Mas as fotos só eram apresentadas depois das sessões terminadas, quando se faziam as comparações. Os retratos pintados nunca constituíam cópias das fotos guardadas em bolsas ou pacotes. Mas a semelhança era sempre flagrante, ainda que em poses diferentes. E a identificação dos retratos era feita de imediato e em meio à maior surpresa e emoção. À falta para um nome melhor para a técnica empregada, chamaram-na “precipitação”. Por vezes as duas irmãs limitavam-se a sentar-se e a segurar as telas enquanto os assistentes esperavam. Em tais circunstâncias, formava-se uma ligeira nuvem diante das telas. Pareciam ser absorvidas e formar o retrato. Quando essa faculdade se consolidou, as irmãs Bangs nem sequer tocavam nas telas. Deixavam a sala e iam para a cozinha preparar uma refeição, mas a pintura prosseguia em sua ausência. Frequentemente as cores avivavam-se nos dias que se seguiam à pintura, ganhando tons mais fortes e profundos. Algumas pessoas que receberam quadros de parentes mortos afirmaram aos jornalistas que certos pormenores só

havia surgido depois que os retratos estavam dependurados em suas casas. Outro espantoso fenômeno consistia em que, frequentemente, os retratos eram terminados mostrando os olhos fechados. Quando se comentava esta circunstância, o toque final do invisível artista era fazer surgirem as pupilas numa “*pincelada*” de baixo para cima. Parecia que as pálpebras se abriam. Finalmente os olhos, de certo a mais individual e significativa parte da fisionomia, assestavam sobre o emocionado amigo ou parente.

2 - Mediunidade de desenhos feitos por alucinados. Faculdade de provocar a realização de desenhos, como fez um doente mental (Robert Brian), encerrado em sua cela, e a que faz referência L. Chevreuil. Surpreendeu o ilustre pesquisador francês a firmeza dos traços e a beleza das imagens que se iam definindo sobre telas e papéis especiais, demonstrando inequívoca virtuosidade do artista louco, que assim demonstrava, como fez a alucinada Alcina, diante de Charcot e douta assembleia, as faculdades imanes de que era possuidor. No momento em que o alienado se punha a pintar, caía em profundo transe, liberando extraordinárias aptidões artísticas.

3 - Mediunidade de desenhos premonitórios. Faculdade de produzir desenhos premonitórios, isto é, desenhos que indicam acontecimentos futuros, assim como acontecia com a médium Mary Tomez.

Mediunidade Musical

Mediunidade musical - é aquela em que os médiuns executam, compõem ou escrevem músicas sob influências dos Espíritos. Há médiuns musicais mecânicos, semi-mecânicos, inspirados, e intuitivos.

Entre os médiuns musicais da atualidade, destaca-se a Sra. Rosemary Brown, que em toda a História do Espiritismo, parece ser um caso especial e sua contribuição para o reconhecimento da imortalidade e a possibilidade de comunicação com os Espíritos, é, também única e notável.

Em cinco anos de trabalho, Rosemary Brown produziu 400 peças musicais, o que lhe granjeou extraordinária celebridade, que não conseguiu abalar a sua simplicidade. As pessoas que conheceram a médium descrevem-na como uma mulher inteligente e tranqüila. Quando menina ela costumava ver e ouvir parentes e amigos já conhecidos. Quando percebeu que os outros não os viam, prudentemente silenciou, evitando, assim, sérios contratemplos.

Ela costuma ser controlada pelo Espírito Ivy Beaumont, que foi médium de xenoglossia, que, por sinal, utilizou-se do pseudônimo de “*Rosemary*” Em sessões de transe o experimentador Londrino, Dr. Frederic Wood, Ivy Beaumont descerrou as cortinas do Egito Antigo. As pessoas que conheceram Ivy, entre elas, Maurice Barbanell, editor de “*Psychic News*” e “*Two Worlds*”, concordam em que a Sra. Brown repete os mesmos modismos e atitudes da médium, quando na terra.

Quando Rosemary Brown foi apresentada no programa “*Woman's Hour*”, da BBC de Londres, os telespectadores viram-na recebendo, por ditado, uma composição de Beethoven. As câmaras apanhavam a sua mão, rapidamente, as notas, e vez que outra, ouvia-se sua voz suave dialogando com o Espírito comunicante. Ela interrompia a escrita, ouvia instruções e voltava a escrever. Rosemary explicou a Peter Dorling, o entrevistador, que, por vezes, o ditado era claro, outras vezes confuso. E ela atribuía-se a falha dizendo: “*Isto ocorre porque*

eu não estou ainda bastante receptiva”.

Entre os inúmeros técnicos que têm examinado as produções musicais de Rosemary Brown ressaltava-se Hephzibah Menuhin, à época, 1971, uma das maiores pianistas do mundo. A virtuose declarou que via as composições “com *muito respeito*”. A maioria reproduz, distintamente, o estilo dos compositores aos quais são atribuídos. Mary Firth, pianista e conferencista, declarou ser impossível classificar Rosemary em tradicionais padrões. É preciso, disse ela, apelar para o supranormal. De certa feita Rosemary assentou-se ao piano e, controlada por Schubert, executou uma composição. Duas horas depois, a Sr. Firth perguntou-lhe se poderia escrevê-la. A médium assentiu e escreveu a página. A Sr. Firth comenta: “*Aquilo foi um incrível teste musical. É óbvio que a Sr. Brown não se serve de processos normais de memorização. Trata-se de uma completa absorção do estilo, não de uma imitação, coisa completamente diferente.*”

Louis Kentner declarou que muitos compositores podiam ser imitados. Mas, em se tratando de Schubert era muito difícil, praticamente impossível - “Se a Sr. Brown não tem educação musical, então ela está trabalhando, autenticamente, sob a inspiração de Schubert.”

Bombardeada por intensa publicidade, discutidas pelos os críticos musicais, Rosemary Brown continua o seu trabalho, sempre a disposição dos grandes gênios da música, dando prova da imortalidade e comunicabilidade dos seres que partiram deste plano de provas e expiações.

Mediunidade Involuntária ou Natural

Mediunidade involuntária ou natural - são os médiuns que exercem a sua influência sem o querer. Não tem nenhuma consciência do seu poder e quase sempre o que acontece de anormal ao seu redor não lhes parece estranho. Estas coisas fazem parte de sua própria maneira de ser, precisamente como as pessoas dotadas de dupla vista e que nem o suspeitam. Essas pessoas são dignas de observação e não se deve descuidar de anotar e estender os fatos desta espécie que possam chegar ao conhecimento dos que realmente pesquisam a fenomenologia espírita.

O que se deve fazer, quando uma faculdade desta espécie se desenvolve espontaneamente numa pessoa? - Recomenda Kardec: - “deixar que os fenômenos sigam o seu curso natural: a natureza é mais sábia que os homens. A Providência, aliás, tem os seus planos e a mais humilde criatura pode servir de instrumento aos seus amplos desígnios”. Mas devemos convir que os fenômenos assumem, às vezes, proporções fatigantes e importunas para todos. A propósito, Kardec refere-se aos extraordinários episódios de Bergzabem na Baviera, Alemanha, ocorridos em 1858. É realmente notável, porquanto reúne, no mesmo médium (faculdade mediúnica polivalente), espontaneamente, contrariando algumas disposições em contrário, quase todos os gêneros de manifestações espontâneas, tais como: estrondos de abalar a casa, móveis virados, objetos projetados por mãos invisíveis, visões, aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, gritos e sons no espaço, instrumentos tocando sozinhos, etc. O relato autêntico das ocorrências foi publicado, na época, por numerosos jornais alemães, e particularmente em uma brochura que se esgotou rapidamente pelo inusitado assunto que divulgava, atraindo a atenção

de leigos e especialistas. A tradução dessa brochura foi divulgada, na íntegra, na “*Revue Spirite*” de 1858, com os comentários e explicações de Allan Kardec, que considerou esses fenômenos eminentemente instrutivos “no tocante ao estudo prático do Espiritismo”.

Referindo-se a estas manifestações dos poltergeist alemães, Kardec observa que os seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos sensíveis são, em geral, Espíritos de uma ordem inferior, que podem ser dominados pela ascendência moral. É essa condição de superioridade que devemos perfilhar, não apenas para enfrentar e sustentar a ação nefasta desses Espíritos perturbados, mas enfrentar e superar as nossas próprias e íntimas inferioridades.

Ainda sobre a mediunidade involuntária ou natural, Kardec cita o caso do Sr. de Porry / “*Revue Spirite*”, novembro de 1859, que escreveu um belíssimo poema onde abundam idéias puramente espíritas aparentemente tiradas de “*O LIVRO DOS ESPÍRITOS*”. Verifica-se-ia, mas tarde, que o Sr. de Porry jamais ouvira falar desse livro, e nem mesmo tivera qualquer contato com as idéias espíritas.

A verdade é que os Espíritos exercem, sobre nós, uma influência incessante e aproveitam as disposições que encontram em certos indivíduos para os transformar em instrumentos dos valores e conceitos que querem exprimir. Tais indivíduos são, sem o saber, verdadeiros médiuns. Todos os homens de gênio, poetas, pintores e músicos estão neste caso; certamente seu próprio Espírito pode expressar notáveis idéias; mas, muita coisa pode ser oriunda de fontes estranhas. Rogando inspiração, como muitos o fazem, não parece que estejam fazendo um apelo? Evocando? Ora, o que é uma inspiração senão uma idéia sugerida? Aquilo que tiramos do nosso próprio íntimo não é inspirado:

possuímo-lo e não temos necessidade de o receber. Se o homem de gênio tivesse tudo de si mesmo, porque, então, lhe faltariam idéias justamente no momento em que as busca? Não seria ele capaz de as tirar de seu cérebro, como aquele que tem dinheiro e os tira do seu bolso? Se nada encontra, em dado momento, é porque nada tem. Porque, quando menos espera, as idéias brotam como por si mesmas? Poderiam os fisiologistas dar explicação desse fenômeno? Algum dia procuraram resolvê-lo? Tentaram e ainda tentam, sem encontrar a chave do mistério. Sem bazófia sectária, afirmamos que apenas a Doutrina Espírita, através da análise do fenômeno mediúnico, em suas múltiplas variedades, é capazes de lançar luzes fortes sobre tantos problemas que afligem a Humanidade, que teima em admitir que tudo começa no berço e termina no túmulo.

Mediunidade Facultativa

Mediunidade facultativa - os médiuns facultativos são aqueles que têm consciência de seu poder e produzem fenômenos espíritos por ação da vontade. Esta faculdade, se bem que inerente à espécie humana, como já dissemos, está longe de existir em todos no mesmo grau. Mas, se poucas são as pessoas em que ela é praticamente nula, as que são capazes de descobrir os grandes efeitos, tais como a levitação de corpos no espaço, os transportes e sobretudo as aparições, são ainda mais raras. Os efeitos mais simples são o da movimentação dos objetos, pancadas vibradas pelo levantamento desses objetos ou em sua própria substância. Sem ligar importância capital a esses fenômenos, concitamos a não desprezá-los: eles podem dar lugar a observações interessantes e auxiliar a comprovação. Mas é preciso notar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe naqueles que têm meios mais perfeitos de comunicação, tais como, por exemplo, a

escrita ou a palavra. Geralmente ela diminui em um sentido à medida que se desenvolve no outro.

Mediunidade Mental

Mediunidade Mental - Allan Kardec, na “Revue Spirite”, março de 1866, refere-se a que ele chamou de mediunidade mental.

Preliminarmente, transcreve o seguinte relato de um médium da cidade de Millianah, na Argélia, à época possessão francesa, a ele dirigido:

“... A propósito do desprendimento do Espírito, que se opera em todos durante o sono, meu guia espiritual exercita-me em vigília. Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito se transporta para longe, visita as pessoas e os lugares de que gosta e a seguir volta sem esforço. O que me parece mais surpreendente é que, enquanto estou como que em catalepsia, tenho consciência deste desprendimento. Exercito-me, também, em recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados. Esta última experiência só ocorre durante a noite, pelas duas ou três horas e quando o corpo, repousado, desperta. Fico alguns instantes à espera, como depois de uma evocação. Então sinto a presença do Espírito por uma impressão física e logo surge em meu pensamento uma imagem que faz reconhecê-lo. Estabelece-se a conversa mental, como na comunicação intuitiva, e esse gênero de palestra tem algo de adoravelmente íntimo. Muitas vezes meu irmão e minha irmã encarnados me visitam, às vezes acompanhados por meu pai e minha mãe, do mundo dos Espíritos.”

“Há poucos dias” - informou o missivista a Kardec - “tive a sua

visita, caro mestre, e pela suavidade do fluido que me penetrara, julgava que fosse um dos nossos bons protetores celestes. Imaginai a minha alegria ao reconhecer em meu pensamento, ou antes, no cérebro, o timbre próprio de sua voz. O Espírito Lamennais nos deu uma comunicação a esse respeito e deve encorajar os meus esforços. Eu não poderia dizer-lhe do encanto que possibilita esse gênero de mediunidade. Se houver, junto do mestre, alguns médiuns intuitivos, habituados ao recolhimento, eles podem, também, tentar estabelecer o notável intercâmbio espiritual. Evoca-se, em vez de escrever, conversa-se, exprimindo-se bem as idéias, sem prolixidade.”

Eis os comentários do mestre Lionês, não sem razão chamado, por Camile Flammarion, de “O bom senso encarnado.”

Esta mediunidade, à qual damos o nome de **mediunidade mental**, certo não é adequada para convencer os incrédulos, porque nada tem de ostensivo. É toda para a satisfação íntima de quem a possui: mas também é preciso reconhecer que se presta muito à ilusão e que é o caso de se desconfiar’ das aparências. Quanto a existência da faculdade não se poderia pô-la em dúvida. Pensamos, mesmo, que deve ser a mais freqüente, porque é considerável o número das pessoas que, em estado de vigília, sofrem a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de idéias que sentem não serem delas. A impressão agradável ou penosa que, por vezes, se sente à vista de alguém que se encontra pela primeira vez; o pressentimento da aproximação de uma pessoa; a penetração e a transmissão do pensamento são outros tantos efeitos devidos à mesma causa e constituem uma espécie de mediunidade que se pode dizer universal, pois cada um lhe possui, ao menos, os rudimentos, mas para experimentar seus efeitos marcantes é necessário uma aptidão especial, ou melhor, um grau de sensibilidade

mais ou menos desenvolvido, conforme os indivíduos. A esse título, como temos dito desde muito tempo, todos são médiuns, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber os salutares eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil e urna maneiras diferentes. Mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todos receber efeitos idênticos e ostensivos.

Tendo sido discutida esta questão na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas - SPEE, vários Espíritos se manifestaram. Dentre as comunicações recebidas, destacamos a que foi transmitida pelo Espírito H. Dozon, através do médium Alexandre Dellane, pai de Gabriel Delanne:

“É possível desenvolver o sentido espiritual, como diariamente se vê desenvolver-se uma aptidão por um trabalho reiterado. Ora, sabei que a comunicação do mundo espiritual com os vossos sentidos é constante; ela se dá a cada hora, a cada minuto, pelas leis das relações espirituais. “

“Acabam de dizer-vos que os Espíritos se vêem e se visitam uns aos outros durante o sono: tendes muitas provas. Porque quereríeis que isto não ocorresse em estado de vigília? Os Espíritos não tem noite. Não. Constantemente estão ao nosso lado; eles vos vigiam; vossos familiares desencarnados, especialmente vos inspiram, vos suscitam pensamentos; vos guiam; falam-vos e vos exortam; protegem os vossos trabalhos, ajudam a elaborar os vossos desígnios formados pela metade e os vossos sonhos ainda indecisos. Lá estarão esses bons amigos, no fim da vossa encarnação...

Oh! não, jamais negueis vossa assistência diária!”

Conclusão

Esta monografia sobre variedades mediúnicas, pelo menos as mais importantes, destina-se a incentivar o estudo e a pesquisa da fenomenologia espírita, deixada, lamentavelmente, para trás, nos longes das maravilhosas investigações de Crookes, Richet, Bozzano, Geley, Gibier, Dellane e de tantos outros corifeus das verdades eternas!

Embora escasseiem, na modernidade, investigações sobre essas manifestações mediúnicas, os princípios espíritas (sobre os quais se sustentam) vêm sendo reafirmados no íntimo de potentes laboratórios de pesquisa, mantido por renomadas instituições científicas e diversas universidades especialmente no chamado “*primeiro mundo*”.

Uma vez que as religiões negam, irresponsavelmente, a existência do Espírito, os gênios tutelaies do evoluer ético e intelectual da Humanidade decidiram submetê-la à análise fria e impessoal nos interiores desses laboratórios. Dia menos dia, pois, a ciência chancelará, ostensivamente, a Imortalidade da Alma, esteio não simplesmente da Doutrina codificada por Allan Kardec, mas do próprio processo existencial.

O laboratório científico é, então, o Templo do Espírito, não aquele templo magnífico, gigantesco, reflexo fiel dos delírios humanos, mas aquele templo em que a sobriedade, o bom senso e a lógica são os seus mais ricos ornamentos. Ali, entre os equipamentos de investigação dos enigmas da existência, os novos sacerdotes da alma investigam-na, imbuídos, certamente, daqueles anseios e propósitos que, no passado remoto, alimentaram a chama olímpica do Ideal, consubstanciado nos refulgos luminosos da Ciência Filosófica, que

encontrou, no Tabot, a materialização plena e irrefutável de suas concepções!